

# Os sonetos completos de Antero de Quental



Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro

Título: Os sonetos completos de Antero de Quental

Publicados por J. P. Oliveira Martins

Autor: Antero de Quental

Edição: Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro

Revisão, adaptação e paginação: Carlos Pinheiro

Adaptação da edição de 1886, Livraria Portuense

Edição ebook: fevereiro de 2014

ISBN: 978-989-8671-46-2

Imagem da capa: Retrato de Antero de Quental (1889) de Columbano Bordalo Pinheiro (Museu do Chiado)

Escrevendo estas breves páginas à frente dos *Sonetos* de Antero de Quental tenho a satisfação íntima de cumprir o dever de tornar conhecida do público a figura talvez mais característica do mundo literário portuguesa, e decerto aquela sobre que a lenda mais tem trabalhado. Estou certo, absolutamente certo, de que este livro, embora sem eco no espírito vulgar que faz reputações e dá popularidade, há de encontrar um acolhimento amoroso em todas as almas de eleição, e durar enquanto houver corações aflitos, e enquanto se falar a linguagem portuguesa.

Procurarei, no que vou dizer, guardar para mim aquilo que ao público não interessa: a viva amizade, a estreita comunhão de sentimentos, o afecto quase fraterno que há perto de vinte anos nos une, ao poeta e ao seu crítico de hoje, fazendo da vida de ambos como que uma única alma, misturando invariavelmente as nossas breves alegrias, muitas vezes as nossas lágrimas, sempre as nossas dores e os nossos entusiasmos ou o

nosso desalento.

Discutindo em permanência, discordando frequentemente, ralhando a miúdo, zangando-nos às vezes e abraçando-nos sempre: assim tem decorrido para nós perto de vinte anos. Mas o leitor é que nada tem que ver com esses casos particulares, nem com o abraço que trocámos no dia em que primeiro nos conhecemos e que só terminará naquele em que um de nós, ou ambos nós, formos descansar para sempre sob meia dúzia de pás de terra fria.

## I

Eu não conheço fisionomia mais difícil de desenhar, porque nunca vi natureza mais complexamente bem dotada. Se fosse possível desdobrar um homem, como quem desdobra os fios de um cabo, Antero de Quental dava alma para uma família inteira. É sabidamente um poeta na mais elevada expressão da palavra; mas ao mesmo tempo é a inteligência mais crítica, o instinto mais prático, a sagacidade mais lúcida, que eu conheço. É um poeta que sente, mas é um raciocínio que pensa.

Pensa o que sente; sente o que pensa.

Inventa, e critica. Depois, por um movimento reflexo da inteligência, dá corpo ao que criticou, e raciocina o que imaginou. — O seu temperamento apresenta um contraste correlativo: é meigo como uma criança, sensitivo como uma mulher nervosa, mas intermitentemente é duro e violento.

É fraco, portanto? Não. A vontade, em obediência à qual, e com esforço, se faz colérico, fá-lo também forte — desta força persistente, raciocinada e na aparência plácida, como a superfície do mar em dias de bonança. O Oceano, porém, é interiormente agitado pelo *gulf stream* quente e invisível: também às vezes a placidez extrema da sua face encobre ondas de aflição que sobem até aos olhos e rebentam em lágrimas ardentes. Sabe chorar, como todo o homem digno da humanidade.

É destas crises que nasceram os seus versos, porque Antero de Quental não *faz* versos à maneira dos literatos: nascem-lhe, brotam-lhe da alma como soluços e agonias. Mas, apesar disso, é requintado e exigente como um artista: as suas lágrimas hão de ter o contorno

de pérolas, os seus gemidos hão de ser musicais. As faculdades artísticas geradoras da estatuaria e da sinfonia são as que vibram na sua alma estética. A noção das formas, das linhas e dos sons, possui-a num grau eminente: não já assim a da cor nem a da *composição*. Aos quadros chama *painéis* com desdém, e por isso mesmo tem horror à descrição e ao pitoresco. É artista, no que a arte contém de mais subjetivo. A sua poesia é escultural e hierática, e por isso fantástica. É exclusivamente psicológica e dantesca: não pode pintar, nem descrever: acha isso inferior e quase indigno.

Os seus versos são sentidos, são *vividos* como nenhuns; mas o sentir e o viver deste homem é de uma natureza especial que tem por fronteiras físicas as paredes do seu crânio, mas que não tem fronteiras no mundo real, porque a sua imaginação paira librada nas asas de uma razão especulativa para a qual não há limites.

O poeta é por isso um místico, e o crítico um filósofo. O misticismo e a metafísica, o sentimento e a razão, a sensibilidade e a vontade, o temperamento e a inteligência, combatem-se, às vezes dilacerando-se. Eis

aí a explicação desta poesia que é o retrato vivo do homem. O génio, esse *quid* divinatório, que não é honra para nenhuma criatura possuir, porque só nos dá merecimento aquilo que ganhámos à força de inteligência e de vontade; o génio, que é uma faculdade tão accidental como a cor dos cabelos, ou o desenho das feições; o génio, que pode andar ligado a uma inteligência medíocre, mas que o não anda no caso de Antero de Quental — é o predicado particular e a chave do enigma deste homem. O génio pressupõe a intuição de uma verdade visceral ou fundamental da natureza. Essa intuição, essa aspiração absorvente, é para o nosso poeta a síntese da verdade racional ou positiva e do sentimento místico: uma poesia que exprima o raciocínio, ou antes uma filosofia onde caibam todas as suas visões. O próprio do génio é querer realizar o irrealizável; é ser quimérico, no sentido crítico da palavra, quando por quimera entendemos uma verdade essencial que não pode todavia reduzir-se a fórmulas compreensíveis, ou uma cousa cuja realidade se sente, sem se poder ver.

Dos aspectos quase inesgotavelmente variáveis desta

singular fisionomia de homem, desta mistura excepcional de pensamentos e de temperamentos num mesmo individuo, resulta porém um tipo de sinceridade e de retidão mais singular ainda, porque mais facilmente podia resultar dela um grande cínico. É sobretudo um estoico, sem deixar de ter bastante de cético; é um místico, mas com uma forte dose de ironia e humorismo; e um misantropo, quando não é o homem do trato mais afável, da convivência mais alegre; é um pessimista, que todavia acha em geral tudo ótimo. Intellectualmente é a fisionomia mais dúbia, complexa e contraditória por vezes; moralmente é o carácter mais inteiro e melhor que existe. A sua inteligência encontra-se permanentemente no estado de alguém que, querendo ir para um sitio, resiste por não querer ao mesmo tempo, sem todavia ter razões bastantes para querer nem também para não querer. O núcleo da sua personalidade, se a encaramos pelo lado praticamente humano, está na energia do seu querer moral, e não na lucidez do seu pensamento; embora tenha a pretensão de julgar que a sua vontade obedece sempre à sua razão. É verdade que dentro de si tem permanentemente um espelho facetado que

representa e critica as modalidades do seu pensamento; mas, por isso mesmo, vê ou inventa faces de mais às cousas, e também por vezes o cristal embacia. O que nunca esmorece é a bondade luminosa da sua alma. É um homem fundamentalmente bom.

A complexidade do seu espírito dá-lhe uma variedade de aptidões singular. Conversador como poucos, fácil, espontâneo, original e sugestivo, irónico, humorista, espirituoso, descendo até à própria *charge*, não há ninguém como ele para soltar o carro da sua fantasia critica na ladeira de uma tese, e, explorando-a em todos os sentidos, arquitetar uma teoria. Os seus opúsculos em prosa (da melhor prosa portuguesa deste tempo) têm em geral este carácter. São lógicos, são bem deduzidos — sem serem suficientemente pensados. São frutos da imaginação; são conversas escritas, dessas conversas que durante horas seduzem os que o ouvem — porque é um *charmeur*.

Ele próprio se embriaga, não com as suas palavras, mas sim com aquela teoria passageira que inventou *ad hoc*, e, quando alguém lhe objecta um pequeno senão, todavia essencial ao seu edifício lógico, resiste, defende-se,

irrita-se às vezes, mas por fim é ele próprio que, com um dito, desfaz toda a construção. Seria um orador, um jornalista de primeira ordem, se não tomasse apenas a sério a sua missão de poeta, ou antes de filósofo.

Depois de tudo isto dirão pessoas pouco dadas ao estudo do animal homem que Antero de Quental é um assombro. Longe disso. A sua força é a prodigalidade com que a natureza dotou o seu espírito; mas essa força é uma fraqueza. Tem demasiada imaginação para ver bem; e por outro lado o raciocínio crítico peia-lhe os voos luminosos da fantasia. Vê de mais para poder ser ativo, ou não tem a energia correspondente à sua visão. Se a tivesse, seria verdadeiramente um assombro. A imaginação e a razão, irreduzíveis nos cérebros humanos com as circunvoluções limitadas que contêm, são igualmente poderosas no seu cérebro para que qualquer delas domine. Lutam em permanência, procurando entender-se, combinar-se, penetrar-se, e, no desejo quimérico da síntese, desequilibram o homem, atrofiando-lhe a energia ativa. Ainda assim, felizes daqueles cuja inércia desse um livro comparável a este!

Mas é que as suas páginas foram escritas com sangue

e lágrimas! E doe ver a vida do mais belo espírito consumir-se em agonias de uma alma em luta comigo mesmo! O comum da gente, ao ler as páginas deste volume, dirá então: Quantas catástrofes, que desgraças, este homem sofreu! que singular hostilidade do mundo para com uma criatura humana! — E todavia o mundo nunca lhe foi propriamente hostil, nenhuma desgraça o acabrunhou; a sua vida tem corrido serena, plácida, e até para o geral da gente em condições de felicidade.

É que o geral da gente não sabe que as tempestades da imaginação são as mais duras de passar! Não há dores tão agudas como as dores imaginárias. Não há problemas mais difíceis do que os problemas do pensamento, nem crises mais dolorosas do que as crises do sentimento. As agonias dilacerantes da morte com as ânsias do estertor, os horrores mais inverosímeis dos crimes monstruosos, as aflições mais pungentes da saudade, as tristezas mais dolorosas da solidão, as lutas do dever com a paixão, os gritos do homem arruinado, os ais da orfandade faminta... tudo, tudo, quanto no mundo pode haver de doloroso, desde a miséria até à prostituição, desde o andrajo até ao veludo arrastado

pela imundície, desde o cardo que dilacera os pés até ao punhal que rasga o coração: tudo isso é menos, do que a agonia de um poeta vendo passar diante de si, em turbilhão medonho, as lúgubres misérias do mundo. Todas as aflições têm o seu quê de imaginativas, e por isso há apenas uma espécie de homens que não sentem: são os cínicos, esses que perderam os nervos da moralidade, os anestesiados do sentimento.

Quando se é poeta como Antero de Quental, a imaginação exacerbada vibra como as harpas que os gregos expunham às virações da brisa nos ramos das árvores. Nenhum dedo lhes feria as cordas, e todavia tocavam! Nenhuma dessas desgraças do mundo feriu a harpa da vida do poeta; e todavia essa harpa geme e chora, soluça e grita, porque pelas suas cordas passa o vento agreste das ideias, passa o eco ululante do egoísmo dos homens, aflitivo como os uivos de uma alcateia de lobos famintos.

## II

Esta coleção de Sonetos é, portanto, ao mesmo tempo

biográfica e cíclica. Conta-nos as tempestades de um espírito; mas essas tempestades não são os quaisquer episódios particulares de uma vida de homem: são a refração das agonias morais do nosso tempo, vividas, porem, na imaginação de um poeta.

O primeiro período, de 1860-2, contém em embrião todos os sucessivos, da mesma forma que as flores incluem em si a substância dos frutos. Denuncia uma alma sensível, mas patenteia já a preocupação metafísica na sua fase rudimentar de dúvida teológica, e apresenta uns assomos de tristeza que são como os farrapos de nuvens quando velam intermitentemente o sol, deixando antever a tempestade para o dia seguinte. Estes primeiros sonetos são o balbuciar de uma criança. Romântica? De modo nenhum. Este poeta não se filia em escolas, não obedece a correntes literárias: a sua poesia é exclusivamente pessoal. Sucedia, porém, que nesse tempo já os nossos bardos classicamente românticos tinham passado da moda; e a Coimbra chegavam por via de Paris os ecos do espírito novo, expresso nas obras de Michelet, de Quinet, de Vera-Hegel, etc.

Tudo isso fermentava no cérebro de Antero de Quental, mas a sua personalidade não se deixava absorver pelo otimismo que, depois dos românticos, se espalhou na Europa, liricamente ingénuo no Ocidente afrancesado, sistematicamente filosófico na Alemanha hegeliana. Schopenhauer, ninguém o lia. Não era moda. Pois foi essa corrente, dominante hoje, aquela em que o nosso poeta, espontaneamente, por um movimento do seu temperamento, se achou levado. Aos dezoito ou vinte anos, ignorante ainda, mas inquieto e perscrutador, o poeta que desdenha sinceramente da fama e da glória, vê no eterno feminino de que nos fala Goethe a síntese da existência. Os seus amores já são fantásticos: só tem realidade no céu.

Ali, ó lírio dos celestes vales,  
Tendo seu fim, terão o seu começo,  
Para não mais findar, nossos amores.

E se ainda o dia, a luz, o sol esposo amado, têm o condão de o encher de entusiasmo, é mister desconfiar de um homem mais caprichoso do que todas as mulheres, porque

Pedindo à forma, em vão, a ideia pura  
Tropeço, em sombras, na matéria dura  
E encontro a imperfeição de quanto existe.

Esta nota é mais constitucionalmente verdadeira.  
«Seja a terra degredo, o céu destino» diz num ponto; e  
noutro:

Minha alma, ó Deus, a outros céus aspira:  
Se um momento a prendeu mortal beleza  
É pela eterna pátria que suspira...

Não acreditemos também demasiadamente nisto,  
porque Deus não passa ainda de uma interrogação:

Pura essência das lágrimas que choro  
E sonho dos meus sonhos! Se és verdade,  
Descobre-te, visão, no céu ao menos!

As lutas infantis deste primeiro período para saber se Deus é ou não é verdade, bastam, em si mesmo e no próprio modo por que estão expressas, para nos mostrar que o poeta não saiu ainda das esferas da representação elementar dos seres, para a esfera compreensiva das abstrações racionais. Os sonetos desta primeira série desenrolam-se no terreno da fantasmagoria transcendente. O traço mais seguro de todos e o mais

significativo está neste verso:

Que sempre o mal pior é ter nascido.

A segunda série tem a data de 1862-6.

Psicologicamente é a menos original, artisticamente é a mais brilhante. O *Sonho oriental*, o *Idílio*, o *Palácio da Ventura*, são obras-primas, até de colorido. Talvez por isso mesmo que o estado de espírito do poeta o não obrigava a tirar tanto de si, e porque nesta época viveu mais à lei da natureza; talvez por isso mesmo a sentiu e pintou melhor nas suas cores, nas suas imagens.

A nebulose do primeiro período começava a resolver-se numa tragédia mental, que umas vezes tem os sonhos dos que mastigam haxixe, outras vezes fúrias de desespero, ironias como punhais e gritos lancinantes:

Se nada há que me aqueça esta frieza,  
Se estou cheio de fel e de tristeza,  
É de crer que só eu seja o culpado.

Meu pobre amigo, como foi amarga esta época!  
Outros sofreram também, outros penaram iguais dores,  
sem conseguirem porém estrangular os monstros que  
defendem os áditos do templo da Sabedoria. Heine e

Espronceda, Nerval e Baudelaire viveram vidas inteiras nesse estado de ironia e de sarcasmo, de desespero e de raiva, de orgia e de abatimento, de fúria e de atonia, que para ti representam quatro anos apenas!

Mas é que não havia em nenhum d'esses homens a semente de abstração que se descobre no *Palácio da Ventura*:

Abrem-se as portas d'ouro, com fragor...  
Mas dentro encontro só, cheio de dor,  
Silêncio e escuridão — e nada mais!

Os românticos, mais ou menos satanistas ou satanizados, ficavam-se por aqui. Achando apenas silêncio e escuridão onde tinham sonhado venturas, ou davam em bêbedos como Espronceda, ou suicidavam-se como Nerval, ou faziam-se cínicos, à maneira de Baudelaire, cultivando com amor as *Flores do Mal*.

De 1864 a 74, nesses dez anos em que a tempestade caminha, vê-se a onda negra da desolação espriar-se; vê-se o «silêncio e a escuridão» que antes surgiam como surpresas medonhas, ganharem um lugar apropriado, embora eminente, no regime das cousas; vê-se o espírito do filósofo reagir sobre o temperamento do poeta, e

tornar-se sistema o que até aí era fúria. Bom prenúncio.

Nesta época Antero de Quental é niilista como filósofo, anarquista como político: é tudo o que for negativo, é tudo o que for excessivo; e é-o de um modo tão terminante, tão dogmático e tão afirmativo, que por isso mesmo hesitamos em crer na consciência com que o é. Da sinceridade não é lícito duvidar, mas contra a segurança depõe a própria violência. A nevrose contemporânea, que produzira nele a terceira época, dá de si ainda a quarta; mas se pôde galgar a saltos por entre a floresta incendiada que devorou e consumiu os satânicos, não poderá também sair da estepe lúgubre onde apodrecem os pessimistas, embriagados na negação universal, sem se lembrarem de que são contraditórios no próprio facto de pregarem o que quer que seja?

Ora a isto responde esta própria série, porque, ao lado dos sonetos crepuscularmente desolados, levantam-se como auroras os sonetos estoicos. Para curar o poeta da vertigem satânica serviu-lhe a metafísica pessimista; para o curar mais tarde dessa metafísica, servir-lhe-á a reacção do sentimento moral sobre a razão especulativa.

Quando pede *Mais luz*, quando chama ao sol «O claro sol amigo dos heróis», quando define a Ideia acabando por estes versos diamantinos:

A Ideia, o Sumo bem, o Verbo, a Essência  
Só se revela aos homens e às nações  
No céu incorruptível da Consciência!

sentimo-nos bem distantes das fantasmagorias do princípio e das loucuras da viagem, que todavia o poeta não terminou ainda.

Lutando furioso contra a desilusão, caindo esmagado pelo aniquilamento, Antero de Quental *ensimesmou-se* (para usar de uma feliz expressão espanhola) meteu-se dentro de si, a sós consigo, apelou para as energias do seu instinto de homem, e foi isso o que lhe inspirou o belo *Hino à Razão*.

Porém na luta entre o temperamento de estoico e a imaginação metafísica, o seu espírito atribulado não conseguiu manter o equilíbrio, porque as suas exigências de crítico e filósofo (alimentadas agora por leituras variadíssimas e profundas) contrariavam ou contradiziam as suas visões de poeta. À maneira que a

inteligência se lhe cultivava, que o saber lhe crescia, que a experiência o educava com mais de um caso doloroso ou apenas triste—apurava-se-lhe a imaginação até ao ponto de ver claramente o que para o comum dos espíritos são apenas concepções do entendimento abstracto. A sua poesia despe-se então de acessórios: não há quase uma imagem; há apenas linhas, mas essas linhas de estátuas incorpóreas têm uma nitidez dantesca.

O seu pessimismo torna-se sistemático: é uma filosofia inteira, a que corresponde, como expressão sentimental, a ironia transcendente. Na *Disputa em Família*, Deus responde aos ateus:

Muito antes de nascerem vossos pais  
D'um barro vil, ridículas crianças,  
Sabia eu tudo isso... e muito mais!

No *Inconsciente*, este herói metafísico, diz assim:

Chamam-me Deus há mais de dez mil anos...  
Mas eu por mim não sei como me chamo.

Na *Divina Comédia* os homens queixam-se aos deuses do que sofrem, invectivando-os pelos terem criado.

Mas os deuses com voz ainda mais triste  
Dizem: — Homens! porque é que nos criastes?

Como se vê, houve um progresso. No período anterior a negação era violenta e terminante; agora tem como expressão a ironia que é uma das formas conhecidas do saber, e uma das linguagens da verdade. Eis aí o que a reação moral conseguiu, acompanhada pelo esclarecimento da razão, da inteligência e do conhecimento. O antigo poeta satânico, transformado em um niilista, vemo-lo agora na pele de um pessimista sistemático, sorrindo já bondosamente, com a ironia nesses próprios lábios que, primeiro cobertos de espuma, depois nos apareciam brancos de agonias.

Não tinha eu razão para chamar cíclica a esta coleção de sonetos? Não tem sido este o movimento das ideias, a evolução do pensamento criador na segunda metade do nosso século?

Quando escreveu o primeiro soneto da quarta série  
(1880-4)

Já sossega, depois de tanta luta,  
Já me descansa em paz o coração...

Antero de Quental resolveu destruir todas as suas

poesias *lúgubres*. Sentia remorsos por alguma vez ter estado numa disposição de ânimo que agora considerava com horror. Entendia que esses versos tétricos não podiam consolar ninguém, e fariam mal a muita gente. Destruiu-os, pois, com aquela violência própria de um carácter intermitentemente meigo e frenético como o de uma mulher. Desse naufrágio onde se perderam verdadeiras obras-primas, salvei eu as poesias que vão no fim deste ensaio; e salvei-as porque as possuía entre os originais remetidos em cartas, e mais de uma vez como texto de notícias do estado do seu espírito, ou cartas rimadas.

Que espécie de paz era porem essa em que o seu coração descansava? Era o *Nirvana*:

E quando o pensamento, assim absorto,  
Emerge a custo d'esse mundo morto  
E torna a olhar as cousas naturais,

À bela luz da vida, ampla, infinita  
Só vê com tédio em tudo quanto fita  
A ilusão e o vazio universais.

O Nirvana é o céu do budismo, a religião mais filosófica e menos fantasmagórica inventada pelos homens. É por este motivo que o budismo atrai hoje em

dia todos os espíritos a um tempo racionalistas e místicos, desta época em tudo semelhante à alexandrina, menos no volume do saber positivo que já se não compadece com muitas das teorias sobre que os neoplatónicos especulavam. A teoria da Substância levou-os a eles a uma concepção do Ser que produziu o mito do Verbo cristão, encarnado popularmente em Jesus-Cristo. Ora hoje tudo isso vale apenas como documento histórico, e, por paradoxal que isto pareça, o Não-Ser é, segundo a metafísica contemporânea, a essência de tudo o que existe. O Absoluto é o Nada. O Universo, a realidade inteira, são modalidades, aspectos fugitivos, que só se tornam verdades racionais quando nos aparecem despidas de todos os acidentes. E como é pelos acidentes apenas que nós, distinguindo-as, as conhecemos, a realidade verdadeiramente e em si é Nada.

Religiosamente, Nada é igual a Nirvana; e o budismo é a única religião que atingiu esta conclusão, sumária do pensamento científico moderno. O Nirvana é esse estado em que os seres, despindo-se de todas as suas modalidades e acidentes, de todas as condições de

realidade, condições que os limitam distinguindo-os entre si, adquirem a não-realidade (o não-contingente) e com ela a existência absoluta e a absoluta liberdade. Essa liberdade é o tipo e a essência da vida espiritual; e o Nirvana, puro Não-Ser para a inteligência, é, para o sentimento moral, o símbolo e o veículo de toda a perfeição e virtude: radicalmente negativo na esfera da razão, é, na esfera do sentimento, absolutamente afirmativo. O pessimismo torna-se desta forma um optimismo gigantesco; toda a inércia é condenada, e o sistema das cousas, agitando-se, movendo-se na direção do aniquilamento final, move-se e agita-se no sentido de uma liberdade evolutivamente progressiva até atingir a plenitude. O Universo é uma grande vida que tem, no termo, o termo de todas as vidas — a morte, idealizada agora e tornada luminosa e apetecível por essa idealização.

Leiam-se os dois sonetos *Redempção*, talvez os mais belos de todo o livro, e compreender-se-á melhor o que fica dito. Leia-se o *Elogio da morte*

Dormirei no teu seio inalterável,  
Na comunhão da paz universal,

Morte libertadora e inviolável!

e ver-se-á quanto estamos longe do desespero trágico  
de outros anos. A tempestade acalmou.

Na esfera do invisível, da intangível,  
Sobre desertos, vácuo, soledade,  
Voa e paira o espírito impassível

presidindo à evolução dos seres (V. o soneto  
*Evolução*) desde a rocha até ao homem, evolução que  
seria absolutamente inexpressiva se não tivesse um  
destino, um fim, um ideal. A teoria do progresso  
indefinido é, com efeito, racionalmente absurda. Esse  
destino, para os neobudistas, é o Nada transcendente;  
esse ideal é a Liberdade. A existência está pois  
consagrada racionalmente: falta consagrá-la  
sentimentalmente. Falta ainda ao sistema um  
medianeiro: é o Amor.

Porém o coração feito valente  
Na escola da tortura repetida,  
E no uso do penar tornado crente,

Respondeu: D'esta altura vejo o Amor!  
Viver não foi em vão, se é isto a vida,  
Nem foi de mais o desengano e a dor.

O Universo está pois construído e santificado na mente do poeta e na razão do filósofo. Dir-se-á portanto que a quimera de que a princípio falámos ficou desvendada, o problema resolvido, conciliada a visão com a razão, e que nos não resta mais do que fazermos todos budistas? Suprema ilusão! Creia-o embora o poeta: eu, como crítico, observando que o pensamento humano, desde que existe e trabalha, progride sempre, com efeito, mas progride em três estradas paralelas que, por serem paralelas, nunca podem encontrar-se, atrevo-me a afirmar a irreducibilidade do misticismo, racional ou imaginativamente concebido, e do naturalismo, ponderada ou orgiacamente realizado. Atrevo-me a dizer que estes dois feitios ou temperamentos são constitucionais do espírito humano, e que da coexistência necessária deles resulta um terceiro — o cético, o crítico, o que provêm da comparação de ambos, e por isso não tem cor, nem é afirmativo; dando-se melhor com a natureza do que com a fantasmagoria, preferindo a harmonia mais ou menos equilibrada, ou mais ou menos claudicante do helenismo, à orgia desenfreada dos orientais; considerando a existência

como um compromisso, o dever como uma condição da vida, mas também a fraqueza como uma condição dos homens. Estes três temperamentos são correspondentes a tipos eternos e irredutíveis da consciência humana; e, se o budismo é a melhor religião para um místico do século XIX, saturado de ciência e derreado de cogitações, o cristianismo, como direto herdeiro do helenismo, há de eternamente satisfazer melhor os céticos e os naturalistas, cujo número é e foi sempre infinitamente maior, entre os europeus.

«Um helenismo coroado por um budismo» eis a fórmula com que mais de uma vez Antero de Quental me tem exprimido o seu pensamento—a sua quimera! Quimera, digo, por que a coroa não nos pode assentar na cabeça, sob pena de a crivar de espinhos e de a deixar escorrendo sangue. Fundar o princípio da ação na inércia sistemática, a realidade no não-ser, a vida no aniquilamento, só é praticamente aceitável para o comum de homens quando acreditem na metempsicose, dogma tão infantilmente mítico do budismo como v. g. o inferno do cristianismo. Ao cristianismo, porém, tirando-se-lhe tudo quanto a imaginação semita deu

para a sua formação, fica ainda o helenismo, isto é, um idealismo mais ou menos panteísta e uma teoria moral — cousas que eu não afirmo que resistam a uma análise rigorosamente lógica, por isso mesmo que todo o nosso conhecimento racional das cousas assenta apenas sobre axiomas do senso comum — ao passo que, em se tirando a metempsicose ao budismo, o budismo reduz-se a uma névoa de abstrações.

Pobre humanidade, se se visse condenada à coroação budista! Nós europeus, incapazes de nos sujeitarmos ao regime da contemplação inerte, sofreríamos as agonias, experimentaríamos as aflições do poeta que, tendo no peito um coração ativo, tem na cabeça uma imaginação mística, e, para obedecer ao pensamento, tortura o coração, sem poder também esmagá-lo sob o mando da inteligência.

Deste cruel estado vêm os documentos que atestam a transformação sofrida pela ironia dos períodos anteriores. Que nome se há de dar ao sentimento que inspira os sonetos *À Virgem Santíssima* e o *Na mão de Deus* que fecha o volume? Eu por mim chamarei humorismo transcendente a essa liga íntima da piedade

e da ironia, e declaro que nunca vi coisa parecida posta em verso. Em prosa, há mais de um período de Renan inspirado por um espírito semelhante, embora menos agudo.

Ó visão, visão triste e piedosa!  
Fita-me assim calada, assim chorosa,  
E deixa-me sonhar a vida inteira!

A visão é a Virgem Santíssima, e a poesia é tão sincera, tão verdadeira, tão cheia de piedade e unção, que eu sei de mais de um livro de rezas onde andam cópias escritas.

Dorme o teu sono, coração liberto,  
Dorme na mão de Deus eternamente!

Um monge cristão escreveria isto. E Antero de Quental nem é cristão, nem crê em Deus, nem na Virgem, segundo o sentido ordinário da palavra crer.

Blasfemar era bom noutros tempos; para a ironia também a idade passou; finalmente para o *exercício literário* nunca se inclinou a pena que o poeta molhou sempre no seu sangue. Como explicar, pois, o fenómeno?

Por acaso subiu já o leitor ao cume de um monte suficientemente alto para que toda a paisagem lhe aparecesse à vista, fundida a ponto de não distinguir uma árvore de um casal, nem um rio de um vale sem curso de água? Pois sucede assim nas campinas da história do pensamento humano, quando as olhamos das cumeadas luminosas da crítica. Veem-se as cousas na sua essência, não importam os acidentes. O fetiche que o selvagem adora, a imagem perante a qual se prostra o comum dos crentes, o arquiteto universal dos pensadores livres, e finalmente esse *quid* inominado a que a filosofia moderna chamou Inconsciente — tudo isso é igualmente Deus: somente é Deus percebido pela imaginação infantil, Deus percebido pela inteligência vulgar, Deus percebido pelo saber incipiente, e Deus finalmente incompreendido, mas sentido, pela sabedoria. E todas essas modalidades de uma mesma impressão, recebida e representada de forma diversa, consoante a natureza e o estado de educação dos homens, são igualmente verdadeiras, igualmente santas e igualmente humorísticas, para aquele que tem coração para sentir as cousas por dentro, e olhos para as ver de

fora — objetivamente, como os alemães dizem, e nós diremos criticamente.

Eis aí a suprema liberdade do espírito, o Nirvana apenas intelectual, a que eu prefiro chamar impassibilidade subjetiva: um estado que permite compreender todas as cousas, analisando-as e classificando-as, sem todavia nos transmitir essa espécie de frialdade de coração, própria dos naturalistas quando estudam uma rocha, uma planta ou um animal. O filósofo, impassível ao analisar e classificar os fenómenos do espírito humano, há de misturar ao sorriso que provocam todas as vaidades e ilusões, o amor que merecem todos os sentimentos ingénuos e fundamentalmente bons; há de aliar à compreensão da nulidade extrínseca das cousas, a compreensão da sua excelência intrínseca; exigindo que o homem seja ativo, porque a catividade é boa por ser indispensável à saúde do espírito, embora os objetos da catividade sejam as mais das vezes irritos e nulos, quando considerados em si próprios e isoladamente.

E eis aí as razões por que eu não sou budista... nem Antero de Quental o é, embora julgue sê-lo. A evolução

dolorosa que terminou com o seu último soneto, esta longa e tempestuosa viagem através do mar tenebroso da fantasia metafísica, parece ter concluído. A idade, talvez, acima de tudo, trouxe ao espírito do poeta uma paz iluminada de bondade e sabedoria, e como a sua alma é sã e a sua inteligência firme e sempre ativa, é mais que provável que o declinar da vida de Antero de Quental enriqueça o pecúlio por sinal bem pobre da filosofia portuguesa com algum trabalho tão digno de se conservar na memória dos tempos, como estes *Sonetos* que são as amargas flores de uma mocidade. Esse trabalho, porem, não será um catecismo budista, não pode ser nenhuma revelação milagrosa do *verdadeiro sistema*, porque a sabedoria nos diz que toda a pretensão de Verdade é ilusória, pois sendo nós, a nossa inteligência, os nossos pensamentos, simples e fugitivas contingências, é loucura pensar que jamais possamos definir o Absoluto. Cada qual sente-o a seu modo, segundo o seu temperamento; e sábio é aquele que se limita a registrar as relações das cousas.

Quem diante destes versos não sentir elevar-se-lhe o espírito, como numa oração, àquela espécie de Deus que é compatível com o seu temperamento ou com o estado de educação do seu pensamento, é por que tem dentro do peito, no lugar do coração, um seixo polido e frio. Quem, no meio do lidar da vida, roçando os braços pelas arestas cortantes que a erriçam de ângulos, pousar o olhar da alma sobre um destes sonetos e não sentir o que os sequiosos sentem ao encontrarem um arroio de água límpida, é porque tem a alma feita apenas de egoísmo. Quem, emergindo dos montões de papelada que as imprensas vomitam diariamente, deitar os olhos sobre estas páginas, e não sentir o deslumbramento que os diamantes produzem, é porque a sua vista se embaciou com o exame dos livros grosseiros em todo o sentido, e a sua língua perdeu o hábito de falar português.

Um dos nossos mais queridos amigos, um dos que conhecem de perto Antero de Quental — e somente o conhece quem com ele viveu largo tempo na intimidade — interroga-me geralmente deste modo: «E santo Antero, como vai?»

Di-lo com a convicção quente dos artistas, mas eu, que o não sou, tenho a pôr embargos, porque a santidade não é planta adequada ao clima do nosso tempo. Exige uma porção de sentimento ingênuo que já não há nos ares que respiramos.

A vida contemplativa, porem, a vida asceta inclusivamente: essa virtude austera para consigo, tolerante para com tudo e para com todos; esse observar constante de si próprio e o dispensar de um sorriso sempre bom, embora indiferente com frequência, aos que alguma vez o rodeiam; a caridade, o amor, a abnegação, as tentações, as crises, as lágrimas, as aflições, as dúvidas cruciantes e as dores angustiosas: tudo o que, reunido, forma uma alma mística — tudo isso mora na alma deste poeta arrebatada pela visão inextinguível do Bem.

Só no meu coração, que sondo e meço,  
Não sei que voz, que eu mesmo desconheço,  
Em segredo protesta e afirma o Bem.

E para nada faltar a este místico, anacronicamente perdido no meio do borburinho de um século ativo até à demência, tem também uma fé ardente — uma fé

budista. Somente o seu Deus, Deus sem vontade, sem inteligência e sem consciência, é, para nós outros, a quem são vedados os mistérios da metafísica budista, igual a coisa nenhuma.

Este homem, fundamentalmente bom, se tivesse vivido no século VI ou no século XIII, seria um dos companheiros de S. Bento ou de S. Francisco de Assis. No século XIX é um excêntrico, mas desse feitio de excentricidade que é indispensável, porque a todos os tempos foram indispensáveis os hereges, a que hoje se chama dissidentes.

*Oliveira Martins.*

# OS CATIVOS

Encostados às grades da prisão,  
Olham o céu os pálidos cativos.  
Já com raios oblíquos, fugitivos,  
Despede o sol um último clarão.

Entre sombras, no longe, vagamente,  
Morrem as vozes na extensão saudosa.  
Cai do espaço, pesada, silenciosa,  
A tristeza das cousas, lentamente.

E os cativos suspiram. Bandos de aves  
Passam velozes, passam apressados,  
Como absortos em íntimos cuidados,  
Como absortos em pensamentos graves.

E dizem os cativos: Na amplidão  
Jamais se extingue a eterna claridade...  
A ave tem o voo e a liberdade...  
O homem tem os muros da prisão!

Aonde ides? qual é vossa jornada?  
À luz? à aurora? à imensidade? aonde?  
— Porém o bando passa e mal responde:

À noite, à escuridão, ao abismo, ao nada! —

E os cativos suspiram. Surge o vento,  
Surge e perpassa esquivo e inquieto,  
Como quem traz algum pesar secreto,  
Como quem sofre e cala algum tormento.

E dizem os cativos: Que tristezas,  
Que segredos antigos, que desditas,  
Caminheiro de estradas infinitas,  
Te levam a gemer pelas devesas?

Tu que procuras? que visão sagrada  
Te acena da solidão onde se esconde?  
— Porém o vento passa e só responde:  
A noite, a escuridão, o abismo, o nada! —

E os cativos suspiram novamente.  
Como antigos pesares mal extintos,  
Como vagos desejos indistintos,  
Surgem do escuro os astros, lentamente.

E fitam-se, em silêncio indecifrável,  
Contemplam-se de longe, misteriosos,  
Como quem tem segredos dolorosos,  
Como quem ama e vive inconsolável...

E dizem os cativos: Que problemas

Eternos, primitivos vos atraem?  
Que luz fitais no centro d'onde saem  
A flux, em jorro, as intuições supremas?

Por que esperais? n'essa amplidão sagrada  
Que soluções esplendidas se escondem?  
— Porém os astros tristes só respondem:  
A noite, a escuridão, o abismo, o nada! —

Assim a noite passa. Rumorosos  
Sussurram os pinhais meditativos,  
Encostados às grades, os cativos  
Olham o céu e choram silenciosos.

# OS VENCIDOS

Três cavaleiros seguem lentamente  
Por uma estrada erma e pedregosa.  
Geme o vento na selva rumorosa,  
Cai a noite do céu, pesadamente.

Vacilam-lhes nas mãos as armas rotas,  
Têm os corcéis poentos e abatidos,  
Em desalinho trazem os vestidos,  
Das feridas lhe cai o sangue, em gotas.

A derrota, traiçoeira e pavorosa,  
As fontes lhes curvou, com mão potente.  
No horizonte escuro do poente  
Destaca-se uma mancha sanguinosa.

E o primeiro dos três, erguendo os braços,  
Diz n'um soluço: «Amei e fui amado!  
Levou-me uma visão, arrebatado,  
Como em carro de luz, pelos espaços!

Com largo voo, penetrei na esfera  
Onde vivem as almas que se adoram,  
Livre, contente e bom, como os que moram

Entre os astros, na eterna primavera.

Porque irrompe no azul do puro amor  
O sopro do desejo pestilente?  
Ai do que um dia recebeu de frente  
O seu hálito rude e queimador!

A flor rubra e olorosa da paixão  
Abre lânguida ao raio matutino,  
Mas seu profundo cálix purpurino  
Só ressuma veneno e podridão.

Irmãos, amei — amei e fui amado...  
Por isso vago incerto e fugitivo,  
E corre lentamente um sangue esquivo  
Em gotas, de meu peito alanceado.»

Responde-lhe o segundo cavaleiro,  
Com sorriso de trágica amargura:  
«Amei os homens e sonhei ventura,  
Pela justiça heroica, ao mundo inteiro.

Pelo direito, ergui a voz ardente  
No meio das revoltas homicidas:  
Caminhando entre raças oprimidas,  
Fi-las surgir, como um clarim fremente.

Quando há de vir o dia da justiça?

Quando há de vir o dia do resgate?  
Traiu-me o gládio em meio do combate  
E semeei na areia movediça!

As nações, com sorriso bestial,  
Abrem, sem ler, o livro do futuro.  
O povo dorme em paz no seu monturo,  
Como em leito de púrpura real.

Irmãos, amei os homens e contente  
Por eles combati, com mente justa...  
Por isso morro à míngua e a areia adusta  
Bebe agora meu sangue, ingloriamente.»

Diz então o terceiro cavaleiro:  
«Amei a Deus e em Deus pus alma e tudo.  
Fiz do seu nome fortaleza e escudo  
No combate do mundo traiçoeiro

Invoquei-a nas horas afrontosas  
Em que o mal e o pecado dão assalto.  
Procurei-o, com ânsia e sobressalto,  
Sondando mil ciências duvidosas.

Que vento de ruína bate os muros  
Do templo eterno, o templo sacrossanto?  
Rolam, desabam, com fragor e espanto,  
Os astros pelo céu, frios e escuros!

Vacila o sol e os santos desesperam...  
Tédio ressuma a luz dos dias vãos...  
Ai dos que juntam com fervor as mãos!  
Ai dos que creem! ai dos que inda esperam!

Irmãos, amei a Deus, com fé profunda...  
Por isso vago sem conforto e incerto,  
Arrastando entre as urzes do deserto  
Um corpo exangue e uma alma moribunda.»

E os três, unindo a voz n'um ai supremo,  
E deixando pender as mãos cansadas  
Sobre as armas inúteis e quebradas,  
N'um gesto inerte de abandono extremo,

Sumiram-se na sombra duvidosa  
Da montanha calada e formidável,  
Sumiram-se na selva impenetrável  
E no palor da noite silenciosa.

# ENTRE SOMBRAS

Vem às vezes sentar-se ao pé de mim  
— A noite desce, desfolhando as rosas —  
Vem ter comigo, às horas duvidosas,  
Uma visão, com asas de cetim...

Pousa de leve a delicada mão  
— Rescende amena a noite sossegada —  
Pousa a mão compassiva e perfumada  
Sobre o meu dolorido coração...

E diz-me essa visão compadecida  
— Há suspiros no espaço vaporoso —  
Diz-me: Porque é que choras silencioso?  
Porque é tão erma e triste a tua vida?

Vem comigo! Embalado nos meus braços  
— Na noite funda há um silêncio santo —  
N'um sonho feito só de luz e encanto  
Transporás a dormir esses espaços...

Porque eu habito a região distante  
— A noite exala uma doçura infinda—  
Onde ainda se crê e se ama ainda,

Onde uma aurora igual brilha constante...

Habito ali, e tu virás comigo

— Palpita a noite n'um clarão que ofusca —

Porque eu venho de longe, em tua busca,

Trazer-te paz e alívio, pobre amigo...

Assim me fala essa visão noturna

— No vago espaço há vozes dolorosas —

São as suas palavras carinhosas

Água correndo em cristalina urna...

Mas eu escuto-a imóvel, sonolento

— A noite verte um desconsolo imenso —

Sinto nos membros como um chumbo denso,

E mudo e tenebroso o pensamento...

Fito-a, n'um pasmo doloroso absorto

— A noite é erma como campa enorme —

Fito-a com olhos turvos de quem dorme

E respondo: Bem sabes que estou morto!

# HINO DA MANHÃ

Tu, casta e alegre luz da madrugada,  
Sobe, cresce no céu, pura e vibrante,  
E enche de força o coração triunfante  
Dos que ainda esperam, luz imaculada!

Mas a mim pões-me tu tristeza imensa  
No desolado coração. Mais quero  
A noite negra, irmã do desespero,  
A noite solitária, imóvel, densa,

O vácuo mudo, onde astro não palpita,  
Nem ave canta, nem sussurra o vento,  
E adormece o próprio pensamento,  
Do que a luz matinal... a luz bendita!

Porque a noite é a imagem do Não-Ser,  
Imagem do repouso inalterável  
E do esquecimento inviolável,  
Que anseia o mundo, farto de sofrer...

Porque nas trevas sonda, fixo e absorto,  
O nada universal o pensamento,  
E despreza o viver e o seu tormento.

E olvida, como quem está já morto...

E, interrogando intrépido o Destino,  
Como réu o renega e o condena,  
E virando-se, fita em paz serena  
O vácuo augusto, plácido e divino...

Porque a noite é a imagem da Verdade,  
Que está além das cousas transitórias.  
Das paixões e das formas ilusórias,  
Onde somente há dor e falsidade...

Mas tu, radiante luz, luz gloriosa,  
De que és símbolo tu? do eterno engano,  
Que envolve o mundo e o coração humano  
Em rede de mil malhas, misteriosa!

Símbolo, sim, da universal traição,  
D'uma promessa sempre renovada  
E sempre e eternamente perjurada,  
Tu, mãe da Vida e mãe da Ilusão...

Outros estendam para ti as mãos,  
Suplicantes, com fé, com esperança...  
Ponham outros seu bem, sua confiança  
Nas promessas e a luz dos dias vãos...

Eu não! Ao ver-te, penso: Que agonia

E que tortura ainda não provada  
Hoje me ensinará esta alvorada?  
E digo: Porque nasce mais um dia?

Antes tu nunca fosses, luz formosa!  
Antes nunca existisses! e o Universo  
Ficasse inerte e eternamente imerso  
Do possível na névoa duvidosa!

O que trazes ao mundo em cada aurora?  
O sentimento só, só a consciência,  
D'uma eterna, incurável impotência,  
Do insaciável desejo, que o devora!

De que são feitos os mais belos dias?  
De combates, de queixas, de terrores!  
De que são feitos? de ilusões, de dores,  
De misérias, de mágoas, de agonias!

O sol, inexorável semeador,  
Sem jamais se cansar, percorre o espaço,  
E em borbotões lhe jorram do regaço  
As sementes inúmeras da Dor!

Oh! como cresce, sob a luz ardente,  
A seara maldita! como treme  
Sob os ventos da vida e como geme  
N'um sussurro monótono e plangente!

E cresce e alastra, em ondas voluptuosas,  
Em ondas de cruel fecundidade,  
Com a força e a subtil tenacidade  
Invencível das plantas venenosas!

De podridões antigas se alimenta,  
Da antiga podridão do chão fatal...  
Uma fragrância mórbida, mortal  
Lhe ressuma da seiva peçonhenta...

E é esse aroma lânguido e profundo,  
Feito de seduções vagas, magnéticas,  
De ardor carnal e de atrações poéticas,  
É esse aroma que envenena o mundo!

Como um clarim soando pelos montes,  
A aurora acorda, plácida e inflexível,  
As misérias da terra: e a hoste horrível,  
Enchendo de clamor e horizontes.

Torva, cega, colérica, faminta,  
Surge mais uma vez e arma-se à pressa  
Para o bruto combate, que não cessa,  
Onde é vencida sempre e nunca extinta!

Quantos erguem n'esta hora, com esforço,  
Para a luz matinal as armas novas,

Pedindo a luta e as formidáveis provas,  
Alegres e cruéis e sem remorso,

Que esta tarde há de ver, no duro chão  
Caídos e sangrentos, vomitando  
Contra o céu, com o sangue miserando,  
Uma extrema e importante imprecação!

Quantos também, de pé, mas esquecidos,  
Há de a noite encontrar, sós e encostados  
A algum marco, chorando aniquilados  
As lágrimas caladas dos vencidos!

E porque? para que? para que os chamas,  
Serena luz, ó luz inexorável,  
À vida incerta e à luta inexpiável,  
Com as falsas visões, com que os inflamas?

Para serem o brinco d'um só dia  
Na mão indiferente do Destino...  
Clarão de fogo-fátuo repentino,  
Cruzando entre o nascer e a agonia...

Para serem, no páramo enfadonho,  
À luz de astros malignos e enganosos,  
Como um bando de espectros lastimosos,  
Como sombras correndo atrás d'um sonho...

Oh! não! luz gloriosa e triunfante!  
Sacode embora o encanto e as seduções,  
Sobre mim, do teu manto de ilusões:  
A meus olhos, és triste e vacilante...

A meus olhos, és baça e lutuosa  
E amarga ao coração, ó luz do dia,  
Como tocha esquecida que alumia  
Vagamente uma cripta monstruosa...

Surges em vão, e em vão, por toda a parte,  
Me envolves, me penetras, com amor...  
Causas-me espanto a mim, causas-me horror,  
E não te posso amar — não quero amar-te!

Símbolo da Mentira universal,  
Da aparência das cousas fugitivas,  
Que esconde, nas moventes perspectivas,  
Sob o eterno sorriso o eterno Mal,

Símbolo da Ilusão, que do infinito  
Fez surgir o Universo, já marcado  
Para a dor, para o mal, para o pecado,  
Símbolo da existência, sê maldito!

# A FADA NEGRA

Uma velha de olhar mudo e frio,  
De olhos sem cor, de lábios glaciais,  
Tomou-me nos seus braços sepulcrais.  
Tomou-me sobre o seio ermo e vazio.

E beijou-me em silêncio, longamente,  
Longamente me uniu à face fria...  
Oh! como a minha alma se estorcia  
Sob os seus beijos, dolorosamente!

Onde os lábios pousou, a carne logo  
Mirrou-se e encaneceu-se-me o cabelo,  
Meus ossos confrangeram-se. O gelo  
Do seu bafo secava mais que o fogo.  
Com seu olhar sem cor, que me fitava,  
A Fada negra me coalhou o sangue.  
Dentro em meu coração inerte e exangue  
Um silêncio de morte se engolfava.

E volvendo em redor olhos absortos,  
O mundo pareceu-me uma visão,  
Um grande mar de névoa, de ilusão,  
E a luz do sol como um luar de mortos...

Como o espectro d'um mundo já defunto,  
Um farrapo de mundo, nevoento,  
Ruína aérea que sacode o vento,  
Sem cor, sem consistência, sem conjunto...

E quanto adora quem adora o mundo,  
Brilho e ventura, esperar, sorrir,  
Eu vi tudo oscilar, pender, cair,  
Inerte e já da cor d'um moribundo.

Dentro em meu coração, n'esse momento,  
Fez-se um buraco enorme — e n'esse abismo  
Senti ruir não sei que cataclismo,  
Como um universal desabamento...

Razão! velha de olhar agudo e cru  
E de hálito mortal mais do que a peste!  
Pelo beijo de gelo que me deste,  
Fada negra, bendita sejas tu!

Bendita sejas tu pela agonia  
E o luto funeral d'aquela hora  
Em que eu vi baquear quanto se adora,  
Vi de que noite é feita a luz do dia!

Pelo pranto e as torturas benfazejas  
Do desengano... pela paz austera  
D'um morto coração, que nada espera,

Nem deseja também... bendita sejas!

1860-1862

# IGNOTO DEO

Que beleza mortal se te assemelha,  
Ó sonhada visão d'esta alma ardente,  
Que refletas em mim teu brilho ingente,  
Lá como sobre o mar o sol se espelha?

O mundo é grande — e esta ânsia me aconselha  
A buscar-te na terra: e eu, pobre crente,  
Pelo mundo procuro um Deus clemente,  
Mas a ara só lhe encontro... nua e velha...

Não é mortal o que eu em ti adoro.  
Que és tu aqui? olhar de piedade,  
Gota de mel em taça de venenos...

Pura essência das lágrimas que choro  
E sonho dos meus sonhos! se és verdade,  
Descobre-te, visão, ao céu ao menos!

# LAMENTO

Um dilúvio de luz cai da montanha:  
Eis o dia! eis o sol! o esposo amado!  
Onde há por toda a terra um só cuidado  
Que não dissipe a luz que o mundo banha?

Flor a custo medrada em erma penha,  
Revolto mar ou golfo congelado,  
Aonde há ser de Deus tão olvidado  
Para quem paz e alívio o céu não tenha?

Deus é Pai! Pai de toda a criatura:  
E a todo o ser o seu amor assiste:  
De seus filhos o mal sempre é lembrado...

Ah! se Deus a seus filhos dá ventura  
N'esta hora santa... e eu só posso ser triste...  
Serei filho, mas filho abandonado!

# A M.C.

Pôs-te Deus sobre a fronte a mão piedosa:  
O que fada o poeta e o soldado  
Volveu a ti o olhar, de amor velado,  
E disse-te: «vai, filha, sê formosa!»

E tu, descendo na onda harmoniosa,  
Pousaste n'este solo angustiado,  
Estrela envolta n'um clarão sagrado,  
Do teu límpido olhar na luz radiosa...

Mas eu... posso eu acaso merecer-te?  
Deu-te o Senhor, mulher! o que é vedado,  
Anjo! Deu-te o Senhor um mundo à parte.

E a mim, a quem deu olhos para ver-te,  
Sem poder mais... a mim o que me há dado?  
Voz, que te cante, e uma alma para amar-te!

# A Santos Valente

Estreita é do prazer na vida a taça:  
Largo, como o oceano é largo e fundo,  
E como ele em venturas infecundo,  
O cális amargoso da desgraça.

E contudo nossa alma, quando passa  
Incerta peregrina, pelo mundo,  
Prazer só pede à vida, amor fecundo,  
É com essa esperança que se abraça.

É lei de Deus este aspirar imenso...  
E contudo a ilusão impôs à vida.  
E manda buscar luz e dá-nos treva!

Ah! se Deus acendeu um foco intenso  
De amor e dor em nós, na ardente lida,  
Porque a miragem cria... ou porque a leva?

# Tormento do Ideal

Conheci a Beleza que não morre  
E fiquei triste. Como quem da serra  
Mais alta que haja, olhando aos pés a terra  
E o mar, vê tudo, a maior nau ou torre,

Minguar, fundir-se, sob a luz que jorre:  
Assim eu vi o mundo e o que ele encerra  
Perder a cor, bem como a nuvem que erra  
Ao pôr do sol e sobre o mar discorre.

Pedindo à forma, em vão, a ideia pura,  
Tropeço, em sombras, na matéria dura.  
E encontro a imperfeição de quanto existe.

Recebi o baptismo dos poetas,  
E assentado entre as formas incompletas  
Para sempre fiquei pálido e triste.

# ASPIRAÇÃO

Meus dias vão correndo vagarosos  
Sem prazer e sem dor, e até parece  
Que o foco interior já desfalece  
E vacila com raios duvidosos.

É bela a vida e os anos são formosos,  
E nunca ao peito amante o amor falece...  
Mas, se a beleza aqui nos aparece,  
Logo outra lembra de mais puros gozos.

Minh'alma, ó Deus! a outros céus aspira:  
Se um momento a prendeu mortal beleza,  
É pela eterna pátria que suspira...

Porém do pressentir dá-me a certeza.  
Dá-ma! e sereno, embora a dor me fira,  
Eu sempre bendirei esta tristeza!

# A Florido Telles

Se comparo poder ou ouro ou fama,  
Venturas que em si têm oculto o dano,  
Com aquele outro afeto soberano,  
Que amor se diz e é luz de pura chama,

Vejo que são bem como arteira dama,  
Que sob honesto riso esconde o engano,  
E o que as segue, como homem leviano  
Que por um vão prazer deixa quem ama.

Nasce do orgulho aquele estéril gozo  
E a gloria d'ele é cousa fraudulenta,  
Como quem na vaidade tem a palma:

Tem na paixão seu brilho mais formoso  
E das paixões também some-o a tormenta...  
Mas a glória do amor... essa vem d'alma!

# PSALMO

Esperemos em Deus! Ele há tomado  
Em suas mãos a massa inerte e fria  
Da matéria impotente e, n'um só dia,  
Luz, movimento, ação, tudo lhe há dado.

Ele, ao mais pobre de alma, há tributado  
Desvelo e amor: ele conduz à via  
Segura quem lhe foge e se extravia,  
Quem pela noite andava desgarrado.

E a mim, que aspiro a ele, a mim, que o amo,  
Que anseio por mais vida e maior brilho.  
Há de negar-me o termo d'este anseio?

Buscou quem o não quis; e a mim, que o chamo,  
Há de fugir-me, como a ingrato filho?  
Ó Deus, meu pai e abrigo! espero!... eu creio!

# A M.C.

No céu, se existe um céu para quem chora.  
Céu, para as mágoas de quem sofre tanto...  
Se é lá do amor o foco, puro e santo,  
Chama que brilha, mas que não devora...

No céu, se uma alma n'esse espaço mora.  
Que a prece escuta e enxuga o nosso pranto...  
Se há Pai, que estenda sobre nós o manto  
Do amor piedoso... que eu não sinto agora...

No céu, ó virgem! findarão meus males:  
Hei de lá renascer, eu que pareço  
Aqui ter só nascido para dores.

Ali, ó lírio dos celestes vales!  
Tendo seu fim, terão o seu começo.  
Para não mais findar, nossos amores.

# A João de Deus

Se é lei, que rege o escuro pensamento,  
Ser vã toda a pesquisa da verdade,  
Em vez da luz achar a escuridade,  
Ser uma queda nova cada invento;

É lei também, embora cru tormento,  
Buscar, sempre buscar a claridade,  
E só ter como certa realidade  
O que nos mostra claro o entendimento.

O que há de a alma escolher, em tanto engano?  
Se uma hora crê de fé, logo duvida:  
Se procura, só acha... o desatino!

Só Deus pode acudir em tanto dano:  
Esperemos a luz d'uma outra vida,  
Seja a terra degredo, o céu destino.

# A Alberto Telles

Só! — Ao ermita sozinho na montanha  
Visita-o Deus e dá-lhe confiança:  
No mar, o nauta, que o tufão balança,  
Espera um sopro amigo que o céu tenha...

Só! — Mas quem se assentou em riba estranha,  
Longe dos seus, lá tem inda a lembrança:  
E Deus deixa-lhe ao menos a esperança  
Ao que à noite soluça em erma penha...

Só! — Não o é quem na dor, quem nos cansaços,  
Tem um laço que o prenda a este fadário.  
Uma crença, um desejo... e inda um cuidado...

Mas cruzar, com desdém, inertes braços,  
Mas passar, entre turbas, solitário,  
Isto é ser só, é ser abandonado!

# A J. Felix dos Santos

Sempre o futuro, sempre! e o presente  
Nunca! Que seja esta hora em que se existe  
De incerteza e de dor sempre a mais triste,  
E só farte o desejo um bem ausente!

Ai! que importa o futuro, se inclemente  
Essa hora, em que a esperança nos consiste,  
Chega... é presente... e só à dor assiste?...  
Assim, qual é a esperança que não mente?

Desventura ou delírio?... O que procuro,  
Se me foge, é miragem enganosa,  
Se me espera, pior, espectro impuro...

Assim a vida passa vagarosa:  
O presente, a aspirar sempre ao futuro:  
O futuro, uma sombra mentirosa.

# A M. C.

Porque descrês, mulher, do amor, da vida?  
Porque esse Hermon transformas em Calvário?  
Porque deixas que, aos poucos, do sudário  
Te aperte o seio a dobra humedecida?

Que visão te fugiu, que assim perdida  
Buscas em vão n'este ermo solitário?  
Que signo obscuro de cruel fadário  
Te faz trazer a fronte ao chão pendida?

Nenhum! intacto o bem em ti assiste:  
Deus, em penhor, te deu a formosura;  
Bênçãos te manda o céu em cada hora.

E descrês do viver?... E eu, pobre e triste,  
Que só no teu olhar leio a ventura,  
Se tu descrês, em que hei de eu crer agora?

# A Alberto Sampaio

Não me fales de glória: é outro o altar  
Onde queimo piedoso o meu incenso,  
E animado de fogo mais intenso,  
De fé mais viva, vou sacrificar.

A glória! pois que há n'ela que adorar?  
Fumo, que sobre o abismo anda suspenso...  
Que vislumbre nos dá do amor imenso?  
Esse amor que ventura faz gozar?

Há outro mais perfeito, único eterno,  
Farol sobre ondas tormentosas firme,  
De imoto brilho, poderoso e terno...

Só esse hei de buscar, e confundir-me  
Na essência do amor puro, sempiterno...  
Quero só n'esse fogo consumir-me!

# A Germano Meyreles

Só males são reais, só dor existe;  
Prazeres só os gera a fantasia;  
Em nada, um imaginar, o bem consiste,  
Anda o mal em cada hora e instante e dia.

Se buscamos o que é, o que devia  
Por natureza ser não nos assiste;  
Se fiamos n'um bem, que a mente cria,  
Que outro remedio há aí senão ser triste?

Oh! quem tanto pudera, que passasse  
A vida em sonhos só, e nada vira...  
Mas, no que se não vê, labor perdido!

Quem fora tão ditoso que olvidasse...  
Mas nem seu mal com ele então dormira,  
Que sempre o mal pior é ter nascido!

# A M. C.

Não busco n'esta vida glória ou fama:  
Das turbas que me importa o vão ruído?  
Hoje, deus... e amanhã, já esquecido  
Como esquece o clarão de extinta chama!

Foco incerto, que a luz já mal derrama,  
Tal é essa ventura: eco perdido,  
Quanto mais se chamou, mais escondido  
Ficou inerte e mudo à voz que o chama.

D'essa coroa é cada flor um engano,  
É miragem em nuvem ilusória,  
É mote vão de fabuloso arcano.

Mas coroa-me tu: na fronte inglória  
Cinge-me tu o louro soberano...  
Verás, verás então se amo essa glória!

# AD AMICOS

Em vão lutamos. Como névoa baça,  
A incerteza das cousas nos envolve.  
Nossa alma, em quanto cria, em quanto volve,  
Nas suas próprias redes se embaraça.

O pensamento, que mil planos traça,  
É vapor que se esvai e se dissolve;  
E a vontade ambiciosa, que resolve,  
Como onda entre rochedos se espedaça.

Filhos do Amor, nossa alma é como um hino  
À luz, à liberdade, ao bem fecundo,  
Prece e clamor d'um pressentir divino;

Mas n'um deserto só, árido e fundo,  
Ecoam nossas vozes, que o Destino  
Paira mudo e impassível sobre o mundo.

# A um crucifixo

Há mil anos, bom Cristo, ergueste os magros braços  
E clamaste da cruz: há Deus! e olhaste, ó crente,  
O horizonte futuro e viste, em tua mente,  
Um alvor ideal banhar esses espaços!

Porque morreu sem eco o eco de teus passos,  
E de tua palavra (ó Verbo!) o som fremente?  
Morreste... ah! dorme em paz! não volvas, que descrente  
Arrojaras de novo à campa os membros lassos...

Agora, como então, na mesma terra erma,  
A mesma humanidade é sempre a mesma enferma,  
Sob o mesmo ermo céu, frio como um sudário...

E agora, como então, viras o mundo exangue,  
E ouviras perguntar — de que serviu o sangue  
Com que regaste, ó Cristo, as urzes do Calvário? —

# Desesperança

Vai-te na asa negra da desgraça,  
Pensamento de amor, sombra d'uma hora,  
Que abracei com delírio, vai-te, embora,  
Como nuvem que o vento impele... e passa.

Que arrojemos de nós quem mais se abraça,  
Com mais ânsia, à nossa alma! e quem devora  
D'essa alma o sangue, com que vigora,  
Como amigo comungue à mesma taça!

Que seja sonho apenas a esperança,  
Enquanto a dor eternamente assiste.  
E só engano nunca a desventura!

Se era silêncio sofrer fora vingança!..  
Envolve-te em ti mesma, ó alma triste,  
Talvez sem esperança haja ventura!

# BEATRICE

Depois que dia a dia, aos poucos desmaiando,  
Se foi a nuvem d'ouro ideal que eu vira erguida:  
Depois que vi descer, baixar no céu da vida  
Cada estrela e fiquei nas trevas laborando:

Depois que sobre o peito os braços apertando  
Achei o vácuo só, e tive a luz sumida  
Sem ver já onde olhar, e em todo vi perdida  
A flor do meu jardim, que eu mais andei regando:

Retirei os meus pés da senda dos abrolhos,  
Virei-me a outro céu, nem ergo já meus olhos  
Senão à estrela ideal, que a luz d'amor contém...

Não temas pois — Oh vem! o céu é puro, e calma  
E silenciosa a terra, e doce o mar, e a alma...  
A alma! não vês tu? mulher, mulher! oh vem!

1862-1866

# AMOR VIVO

Amar! mas d'um amor que tenha vida...  
Não sejam sempre tímidos harpejos,  
Não sejam só delírios e desejos  
D'uma douda cabeça escandecida...

Amor que vive e brilhe! luz fundida  
Que penetre o meu ser — e não só beijos  
Dados no ar — delírios e desejos —  
Mas amor... dos amores que têm vida...

Sim, vivo e quente! e já a luz do dia  
Não virá dissipá-lo nos meus braços  
Como névoa da vaga fantasia...

Nem murchará do sol à chama erguida...  
Pois que podem os astros dos espaços  
Contra débeis amores... se têm vida?

# VISITA

Adornou o meu quarto a flor do cardo,  
Perfumei-o de almíscar recendente;  
Vesti-me com a púrpura fulgente,  
Ensaio meus cantos, como um bardo;

Ungi as mãos e a face com o nardo  
Crescido nos jardins do Oriente,  
A receber com pompa, dignamente,  
Misteriosa visita a quem aguardo.

Mas que filha de reis, que anjo ou que fada  
Era essa que assim a mim descia,  
Do meu casebre à húmida pousada?...

Nem princesas, nem fadas. Era, flor,  
Era a tua lembrança que batia  
Às portas de ouro e luz do meu amor!

# PEQUENINA

Eu bem sei que te chamam *pequenina*  
E ténue como o véu solto na dança,  
Que és no juízo apenas a *criança*,  
Pouco mais, nos vestidos, que a *menina*...

Que és o regato de água mansa e fina,  
A folhinha do til que se balança,  
O peito que em correndo logo cansa,  
A fronte que ao sofrer logo se inclina...

Mas, filha, lá nos montes onde andei,  
Tanto me enchi de angústia e de receio  
Ouvindo do infinito os fundos ecos,

Que não quero imperar nem já ser rei  
Senão tendo meus reinos em teu seio  
E súbditos, criança, em teus bonecos!

# A SULAMISA

Ego dormio, et cor meum vigilat.  
CÂNTICO DOS CÂNTICOS.

Quem anda lá por fora, pela vinha  
Na sombra do luar meio encoberto,  
Sutil nos passos e espreitando incerto,  
Com brando respirar de criancinha?

Um sonho me acordou... não sei que tinha...  
Pareceu-me senti-lo aqui tão perto...  
Seja alta noite, seja n'um deserto,  
Quem ama até em sonhos adivinha...

Moças da minha terra, ao meu amado  
Correi, dizei-lhe que eu dormia agora,  
Mas que pode ir contente e descansado,

Pois se tão cedo adormeci, conforme  
É meu costume, olhai, dormia embora,  
Porque o meu coração é que não dorme...

# Sonho oriental

Sonho-me às vezes rei, n'alguma ilha,  
Muito longe, nos mares do Oriente,  
Onde a noite é balsâmica e fulgente  
E a lua cheia sobre as águas brilha...

O aroma da magnólia e da baunilha  
Paira no ar diáfano e dormente...  
Lambe a orla dos bosques, vagamente,  
O mar com finas ondas de escumilha...

E enquanto eu na varanda de marfim  
Me encosto, absorto n'um cismar sem fim,  
Tu, meu amor, divagas ao luar,

Do profundo jardim pelas clareiras,  
Ou descansas debaixo das palmeiras,  
Tendo aos pés um leão familiar.

# Quinze anos

Eu amo a vasta sombra das montanhas,  
Que estendem sobre os largos continentes  
Os seus braços de rocha negra, ingentes,  
Bem como braços colossais aranhas.

D'ali o nosso olhar vê tão estranhas  
Cousas, por esse céu! e tão ardentes  
Visões, lá n'esse mar de ondas trementes!  
E às estrelas, d'ali, vê-as tamanhas!

Amo a grandeza misteriosa e vasta...  
A grande ideia, como a flor e o viço  
Da árvore colossal que nos domina...

Mas tu, criança, sê tu boa... e basta:  
Sabe amar e sorrir... é pouco isso?  
Mas a ti só te quero pequenina!

# IDÍLIO

Quando nós vamos ambos, de mãos dadas,  
Colher nos vales lírios e boninas,  
E galgamos d'um fôlego as colinas  
Dos rocios da noite inda orvalhadas;

Ou, vendo o mar, das ermas cumeadas,  
Contemplamos as nuvens vespertinas,  
Que parecem fantásticas ruínas  
Ao longe, no horizonte, amontoadas:

Quantas vezes, de súbito, emudeces!  
Não sei que luz no teu olhar flutua;  
Sinto tremer-te a mão, e empalideces...

O vento e o mar murmuram orações,  
E a poesia das cousas se insinua  
Lenta e amorosa em nossos corações.

# NOTURNO

Espírito que passas, quando o vento  
Adormece no mar e surge a lua,  
Filho esquivo da noite que flutua,  
Tu só entendes bem o meu tormento...

Como um canto longínquo — triste e lento —  
Que voga e sutilmente se insinua,  
Sobre o meu coração, que tumultua,  
Tu vertes pouco a pouco o esquecimento...

A ti confio o sonho em que me leva  
Um instinto de luz, rompendo a treva,  
Buscando, entre visões, o eterno Bem.

E tu entendes o meu mal sem nome,  
A febre de Ideal, que me consome,  
Tu só, Génio da Noite, e mais ninguém!

# SONHO

Sonhei — nem sempre o sonho é cousa vã —  
Que um vento me levava arrebatado,  
Através d'esse espaço constelado  
Onde uma aurora eterna ri louçã...

As estrelas, que guardam a manhã,  
Ao verem-me passar triste e calado,  
Olhavam-me e diziam com cuidado:  
Onde está, pobre amigo, a nossa irmã?

Mas eu baixava os olhos, receoso  
Que traíssem as grandes mágoas minhas,  
E passava furtivo e silencioso,

Nem ousava contar-lhes, às estrelas,  
Contar às tuas puras irmãzinhas  
Quanto és falsa, meu bem, e indigna d'elas!

# AMARITUDO

Só por ti, astro ainda e sempre oculto,  
Sombra do Amor e sonho da Verdade,  
Divago eu pelo mundo e em ansiedade  
Meu próprio coração em mim sepulto.

De templo em templo, em vão, levo o meu culto,  
Levo as flores d'uma íntima piedade.  
Vejo os votos da minha mocidade  
Receberem somente escárnio e insulto.

À beira do caminho me assentei...  
Escutarei passar o agreste vento,  
Exclamando: assim passe quando amei! —

Oh minh'alma, que creste na virtude!  
O que será velhice e desalento,  
Se isto se chama aurora e juventude?

# ABNEGAÇÃO

Chovam lírios e rosas no teu colo!  
Chovam hinos de glória na tua alma!  
Hinos de glória e adoração e calma,  
Meu amor, minha pomba e meu consolo!

Dê-te estrelas o céu, flores o solo,  
Cantos e aroma o ar e sombra a palmar.  
E quando surge a lua e o mar se acalma,  
Sonhos sem fim seu preguiçoso rolo!

E nem sequer te lembres de que eu choro...  
Esquece até, esquece, que te adoro...  
E ao passares por mim, sem que me olhes,

Possam das minhas lágrimas cruéis  
Nascer sob os teus pés flores fieis,  
Que pises distraída ou rindo esfolhes!

# APARIÇÃO

Um dia, meu amor (e talvez cedo,  
Que já sinto estalar-me o coração!)  
Recordarás com dor e compaixão  
As ternas juras que te fiz a medo...

Então, da casta alcova no segredo,  
Da lamparina ao trémulo clarão,  
Ante ti surgirei, espectro vão,  
Larva fugida ao sepulcral degredo...

E tu, meu anjo, ao ver-me, entre gemidos  
E aflitos ais, estenderás os braços  
Tentando segurar-te aos meus vestidos...

— «Ouve! espera!» — Mas eu, sem te escutar,  
Fugirei, como um sonho, aos teus abraços  
E como fumo sumir-me-ei no ar!

# ACORDANDO

Em sonho, às vezes, se o sonhar quebranta  
Este meu vão sofrer; esta agonia,  
Como sobe cantando a cotovia,  
Para o céu a minh'alma sobe e canta.

Canta a luz, a alvorada, a estrela santa,  
Que ao mundo traz piedosa mais um dia...  
Canta o enlevo das cousas, a alegria  
Que as penetra de amor e as alevanta...

Mas, de repente, um vento húmido e frio  
Sopra sobre o meu sonho: um calafrio  
Me acorda. — A noite é negra e muda: a dor

Cá vela, como d'antes, ao meu lado...  
Os meus cantos de luz, anjo adorado,  
São sonho só, e sonho o meu amor!

# MÃE...

Mãe — que adormente este viver dorido,  
E me vele esta noite de tal frio,  
E com as mãos piedosas ate o fio  
Do meu pobre existir, meio partido...

Que me leve consigo, adormecido,  
Ao passar pelo sitio mais sombrio...  
Me banhe e lave a alma lá no rio  
Da clara luz do seu olhar querido...

Eu dava o meu orgulho de homem — dava  
Minha estéril ciência, sem receio,  
E em débil criancinha me tornava.

Descuidada, feliz, dócil também,  
Se eu pudesse dormir sobre o teu seio,  
Se tu fosses, querida, a minha mãe!

# Na capela

Na capela, perdida entre a folhagem,  
O Cristo, lá no fundo, agonizava...  
Oh! como intimamente se casava  
Com minha dor a dor d'aquela imagem!

Filhos ambos do amor, igual miragem  
Nos roçou pela frente, que escaldava...  
Igual traição, que o afeto mascarava,  
Nos deu suplício às mãos da vilanagem...

E agora, ali, em quanto da floresta  
A sombra se infiltrava lenta e mesta,  
Vencidos ambos, mártires do Fado,

Fitávamo-nos mudos — dor igual! —  
Nem, dos dois, saberei dizer-vos qual  
Mais pálido, mais triste e mais cansado...

# Velut Umbra

Fumo e cismo. Os castelos do horizonte  
Erguem-se, à tarde, e crescem, de mil cores,  
E ora espalham no céu vivos ardores,  
Ora fumam, vulcões de estranho monte...

Depois, que formas vagas vêm defronte,  
Que parecem sonhar loucos amores?  
Almas que vão, por entre luz e horrores,  
Passando a barca d'esse aéreo Aqueronte...

Apago o meu charuto quando apagas  
Teu facho, oh sol... ficamos todos sós...  
É n'esta solidão que me consumo!

Oh nuvens do Ocidente, oh cousas vagas,  
Bem vos entendo a cor, pois, como a vós,  
Beleza e altura se me vão em fumo!

# MEA CULPA

Não duvido que o mundo no seu eixo  
Gire suspenso e volva em harmonia;  
Que o homem suba e vá da noite ao dia,  
E o homem vá subindo inseto o seixo.

Não chamo a Deus tirano, nem me queixo,  
Nem chamo ao céu da vida noite fria;  
Não chamo à existência hora sombria;  
Acaso, à ordem; nem à lei desleixo.

A Natureza é minha mãe ainda...  
É minha mãe... Ah, se eu à face linda  
Não sei sorrir: se estou desesperado;

Se nada há que me aqueça esta frieza;  
Se estou cheio de fel e de tristeza...  
É de crer que só eu seja o culpado!

# O Palácio da Ventura

Sonho que sou um cavaleiro andante.  
Por desertos, por sóis, por noite escura,  
Paladino do amor, busco anelante  
O palácio encantado da Ventura!

Mas já desmaio, exausto e vacilante.  
Quebrada a espada já, rota a armadura...  
E eis que súbito o avisto, fulgurante  
Na sua pompa e aérea formosura!

Com grandes golpes bato à porta e brado:  
Eu sou o Vagabundo, o Deserdado...  
Abri-vos, portas d'ouro, ante meus ais!

Abrem-se as portas d'ouro, com fragor...  
Mas dentro encontro só, cheio de dor,  
Silêncio e escuridão — e nada mais!

# JURA

Pelas rugas da fronte que medita...  
Pelo olhar que interroga — e não vê nada...  
Pela miséria e pela mão gelada  
Que apaga a estrela que nossa alma fita...

Pelo estertor da chama que crepita  
No último arranco d'uma luz minguada...  
Pelo grito feroz da abandonada  
Que um momento de amante fez maldita...

Por quanto há de fatal, que quanto há misto  
De sombra e de pavor sob uma lousa...  
Oh pomba meiga, pomba de esperança!

Eu t'ó juro, menina, tenho visto  
Cousas terríveis — mas jamais vi cousa  
Mais feroz do que um riso de criança!

# IDEAL

Aquela, que eu adoro, não é feita  
De lírios nem de rosas purpurinas,  
Não tem as formas lânguidas, divinas  
Da antiga Vénus de cintura estreita...

Não é a Circe, cuja mão suspeita  
Compõe filtros mortais entre ruínas,  
Nem a Amazona, que se agarra às crinas  
D'um corcel e combate satisfeita...

A mim mesmo pergunto, e não atino  
Com o nome que dê a essa visão,  
Que ora amostra ora esconde o meu destino...

É como uma miragem, que entrevejo,  
Ideal, que nasceu na solidão,  
Nuvem, sonho impalpável do Desejo...

# Enquanto outros combatem

Empunhasse eu a espada dos valentes!  
Impelisse-me a ação, embriagado,  
Por esses campos onde a Morte e o Fado  
Dão a lei aos reis trémulos e às gentes!

Respirariam meus pulmões contentes  
O ar de fogo do circo ensanguentado...  
Ou caíra radioso, amortalhado  
Na fulva luz dos gládios reluzentes!

Já não veria dissipar-se a aurora  
De meus inúteis anos, sem uma hora  
Viver mais que de sonhos e ansiedade!

Já não veria em minhas mãos piedosas  
Desfolhar-se, uma a uma, as tristes rosas  
D'esta pálida e estéril mocidade!

# DESPONDENCY

Deixá-la ir, a ave, a quem roubaram  
Ninho e filhos e tudo, sem piedade...  
Que a leve o ar sem fim da soledade  
Onde as asas partidas a levaram...

Deixá-la ir, a vela, que arrojaram  
Os tufões pelo mar, na escuridade,  
Quando a noite surgiu da imensidade,  
Quando os ventos do Sul levantaram...

Deixá-la ir, a alma lastimosa,  
Que perdeu fé e paz e confiança,  
À morte queda, à morte silenciosa...

Deixá-la ir, a nota desprendida  
D'um canto extremo... e a última esperança...  
E a vida... e o amor... deixá-la ir, a vida!

# Das Unnennbare

Oh quimera, que passas embalada  
Na onda de meus sonhos dolorosos,  
E roças co'os vestidos vaporosos  
A minha fronte pálida e cansada!

Leva-te o ar da noite sossegada...  
Pergunto em vão, com olhos ansiosos,  
Que nome é que te dão os venturosos  
No teu país, misteriosa fada!

Mas que destino o meu! e que luz baça  
A d'esta aurora, igual à do sol-posto,  
Quando só nuvem lívida esvoaça!

Que nem a noite uma ilusão consinta!  
Que só de longe e em sonhos te pressinta...  
E nem em sonhos possa ver-te o rosto!

# Metempsicose

Ausentes filhas do prazer: dizei-me!  
Vossos sonhos quais são, depois da orgia?  
Acaso nunca a imagem fugidia  
Do que fostes, em vós se agita e freme?

N'outra vida e outra esfera, aonde geme  
Outro vento, e se acende um outro dia,  
Que corpo tínheis? que matéria fria  
Vossa alma incendiou, com fogo estreme?

Vós fostes nas florestas bravas feras,  
Arrastando, leoas ou panteras,  
De dentadas de amor um corpo exangue...

Mordei pois esta carne palpitante,  
Feras feitas de gaze flutuante...  
Lobas! leoas! sim, bebei meu sangue!

# UMA AMIGA

Aqueles, que eu amei, não sei que vento  
Os dispersou no mundo, que os não vejo...  
Estendo os braços e nas trevas beijo  
Visões que à noite evoca o sentimento...

Outros me causam mais cruel tormento  
Que a saudade dos mortos... que eu invejo...  
Passam por mim, mas como que têm pejo  
Da minha soledade e abatimento!

D'aquela primavera venturosa  
Não resta uma flor só, uma só rosa...  
Tudo o vento varreu, queimou o gelo!

Tu só foste fiel — tu, como d'antes,  
Inda volves teus olhos radiantes...  
Para ver o meu mal... e escarnecê-lo!

# A uma mulher

Para tristezas, para dor nasceste.  
Podia a sorte pôr-te o berço estreito  
N'algum palácio e ao pé de régio leito,  
Em vez d'este areal onde cresceste:

Podia abrir-te as flores — com que veste  
As ricas e as felizes — n'esse peito:  
Fazer-te... o que a Fortuna há sempre feito...  
Terias sempre a sorte que tiveste!

Tinhas de ser assim... Teus olhos fitos,  
Que não são d'este mundo e onde eu leio  
Uns mistérios tão tristes e infinitos,

Tua voz rara e esse ar vago e esquecido,  
Tudo me diz a mim, e assim o creio,  
Que para isto só tinhas nascido!

# Voz do outono

Ouve tu, meu cansado coração,  
O que te diz a voz da Natureza:  
— «Mais te valera, nu e sem defesa,  
Ter nascido em aspérrima solidão,

Ter gemido, ainda infante, sobre o chão  
Frio e cruel da mais cruel devesa,  
Do que embalar-te a Fada da Beleza,  
Como embalou, no berço da Ilusão!

Mais valera à tua alma visionária  
Silenciosa e triste ter passado  
Por entre o mundo hostil e a turba vária,

(Sem ver uma só flor, das mil, que amaste)  
Com ódio e raiva e dor... que ter sonhado  
Os sonhos ideais que tu sonhaste!» —

# Sepultura romântica

Ali, onde o mar quebra, n'um cachão  
Rugidor e monótono, e os ventos  
Erguem pelo areal os seus lamentos,  
Ali se há de enterrar meu coração.

Queimem-no os sóis da adusta solidão  
Na fornalha do estio, em dias lentos;  
Depois, no inverno, os sopros violentos  
Lhe revolvam em torno o árido chão...

Até que se desfaça e, já tornado  
Em impalpável pó, seja levado  
Nos turbilhões que o vento levantar...

Com suas lutas, seu cansado anseio,  
Seu louco amor, dissolva-se no seio  
D'esse infecundo, d'esse amargo mar!

1864-1874

# A IDEIA

## I

Pois que os deuses antigos e os antigos  
Divinos sonhos por esse ar se somem,  
E à luz do altar da fé, em Templo ou Dólmen,  
A apagaram os ventos inimigos;

Pois que o Sinai se enubla e os seus pacigos,  
Secos à mingua de água, se consomem,  
E os profetas d'outrora todos dormem  
Esquecidos, em terra sem abrigos;

Pois que o céu se fechou e já não desce  
Na escada de Jacob (na de Jesus!)  
Um só anjo, que aceite a nossa prece;

É que o lírio da Fé já não renasce:  
Deus tapou com a mão a sua luz  
E ante os homens velou a sua face!

## II

Pálido Cristo, oh condutor divino!  
A custo agora a tua mão tão doce  
Incerta nos conduz, como se fosse  
Teu grande coração perdendo o tino...

A palavra sagrada do Destino  
Na boca dos oráculos secou-se:  
A luz da sarça ardente dissipou-se  
Ante os olhos do vago peregrino!

Ante os olhos dos homens — porque o mundo  
Desprendido rolou das mãos de Deus,  
Como uma cruz das mãos d'um moribundo!

Porque já se não lê seu nome escrito  
Entre os astros... e os astros, como ateus,  
Já não querem mais lei que o infinito!

### III

Força é pois ir buscar outro caminho!  
Lançar o arco de outra nova ponte  
Por onde a alma passe — e um alto monte  
Aonde se abre à luz o nosso ninho.

Se nos negam aqui o pão e o vinho,  
Avante! é largo, imenso esse horizonte...  
Não, não se fecha o mundo! e além, defronte,  
E em toda a parte há luz, vida e carinho!

Avante! os mortos ficarão sepultos...  
Mas os vivos que sigam, sacudindo  
Como o pó da estrada os velhos cultos!

Doce e brando era o seio de Jesus...  
Que importa? havemos de passar, seguindo,  
Se além do seio d'ele houver mais luz!

## IV

Conquista pois sozinho o teu futuro,  
Já que os celestes guias te hão deixado,  
Sobre uma terra ignota abandonado,  
Homem — proscrito rei — mendigo escuro!

Se não tens que esperar do céu (tão puro,  
Mas tão cruel!) e o coração magoado  
Sentes já de ilusões desenganado,  
Das ilusões do antigo amor perjuro:

Ergue-te, então, na majestade estoica  
D'uma vontade solitária e altiva,  
N'um esforço supremo de alma heroica!

Faze um templo dos muros da cadeia,  
Prendendo a imensidade eterna e viva  
No círculo de luz da tua Ideia!

## V

Mas a Ideia quem é? quem foi que a viu,  
Jamais, a essa encoberta peregrina?  
Quem lhe beijou a sua mão divina?  
Com seu olhar de amor quem se vestiu?

Pálida imagem, que a água de algum rio,  
Refletindo, levou... incerta e fina  
Luz, que mal bruxuleia pequenina...  
Nuvem, que trouxe o ar, e o ar sumiu...

Estendei, estendei-lhe os vossos braços,  
Magros da febre d'um sonhar profundo,  
Vós todos que a seguis n'esses espaços!

E entanto, oh alma triste, alma chorosa,  
Tu não tens outra amante em todo o mundo  
Mais que essa fria virgem desdenhosa!

## VI

Outra amante não há! não há na vida  
Sombra a cobrir melhor nossa cabeça,  
Nem bálsamo mais doce, que adormeça  
Em nós a antiga, a secular ferida!

Quer fuja esquiiva, ou se ofereça erguida,  
Como quem sabe amar e amar confessa,  
Quer nas nuvens se esconda ou apareça,  
Será sempre ela a esposa prometida!

Nossos desejos para ti, oh fria,  
Se erguem, bem como os braços do proscrito  
Para as bandas da pátria, noite e dia.

Podes fugir... nossa alma, delirante,  
Seguir-te-á através do infinito,  
Até voltar contigo, triunfante!

## VII

Oh! o noivado bárbaro! o noivado  
Sublime! aonde os céus, os céus ingentes,  
Serão leito de amor, tendo pendentos  
Os astros por docel e cortinado!

As bodas do Desejo, embriagado  
De ventura, a final! visões ferventes  
De quem nos braços vai de ideais ardentes  
Por espaços sem termo arrebatado!

Lá, por onde se perde a fantasia  
No sonho da beleza: lá, aonde  
A noite tem mais luz que o nosso dia;

Lá, no seio da eterna claridade,  
Aonde Deus à humana voz responde;  
É que te havemos abraçar, Verdade!

## VIII

Lá! Mas aonde é lá? — Espera,  
Coração indomado! o céu, que anseia  
A alma fiel, o céu, o céu da Ideia.  
Em vão o buscas n'essa imensa esfera!

O espaço é mudo: a imensidade austera  
De balde noite e dia incendeia...  
Em nenhum astro, em nenhum sol se alteia  
A rosa ideal da eterna primavera!

O Paraíso e o templo da Verdade,  
Oh mundos, astros, sóis, constelações!  
Nenhum de vós o tem na imensidade...

A Ideia, o sumo Bem, o Verbo, a Essência,  
Só se revela aos homens e às nações  
No céu incorruptível da Consciência!

# A um crucifixo

*Lendo, passados 12 anos, o soneto da parte I.<sup>a</sup> que tem o mesmo título*

Não se perdeu teu sangue generoso,  
Nem padeceste em vão, quem quer que foste,  
Plebeu antigo, que amarrado ao poste  
Morreste como vil e faccioso.

D'esse sangue maldito e ignominioso  
Surgiu armada uma invencível hoste...  
Paz aos homens e guerra aos deuses! — pôs-te  
Em vão sobre um altar o vulgo ocioso...

Do pobre que protesta foste a imagem:  
Um povo em ti começa, um homem novo:  
De ti data essa trágica linhagem.

Por isso nós, a Plebe, ao pensar n'isto,  
Lembraremos, herdeiros d'esse povo,  
Que entre nossos avós se conta Cristo.

# DIÁLOGO

A cruz dizia à terra onde assentava,  
Ao vale obscuro, ao monte áspero e mudo:  
— Que és tu, abismo e jaula, aonde tudo  
Vive na dor e em luta cega e brava?

Sempre em trabalho, condenada escrava.  
Que fazes tu de grande e bom, contudo?  
Resignada, és só lodo informe e rudo;  
Revoltosa, és só fogo e hórrida lava...

Mas a mim não há alta e livre serra  
Que me possa igualar!.. amor, firmeza,  
Sou eu só: sou a paz, tu és a guerra!

Sou o espírito, a luz!.. tu és tristeza,  
Oh lodo escuro e vil! — Porém a terra  
Respondeu: Cruz, eu sou a Natureza!

# MAIS LUZ!

*(A Guilherme de Azevedo)*

Amem a noite os magros crapulosos,  
E os que sonham com virgens impossíveis,  
E os que inclinam, mudos e impassíveis,  
À borda dos abismos silenciosos...

Tu, lua, com teus raios vaporosos,  
Cobre-os, tapa-os e torna-os insensíveis,  
Tanto aos vícios cruéis e inextinguíveis,  
Como aos longos cuidados dolorosos!

Eu amarei a santa madrugada,  
E o meio-dia, em vida refervendo,  
E a tarde rumorosa e repousada.

Viva e trabalhe em plena luz: depois,  
Seja-me dado ainda ver, morrendo,  
O claro sol, amigo dos heróis!

# Tese e Antítese

## I

Já não sei o que vale a nova ideia,  
Quando a vejo nas ruas desgrenhada,  
Torva no aspecto, à luz da barricada,  
Como bacante após lúbrica ceia...

Sanguinolento o olhar se lhe incendeia;  
Respira fumo e fogo embriagada:  
A deusa de alma vasta e sossegada  
Ei-la presa das fúrias de Medeia!

Um século irritado e truculento  
Chama à epilepsia pensamento,  
Verbo ao estampido de pelouro e obus...

Mas a ideia é n'um mundo inalterável,  
N'um cristalino céu, que vive estável...  
Tu, pensamento, não és fogo, és luz!

## II

N'um céu intemerato e cristalino  
Pode habitar talvez um Deus distante,  
Vendo passar em sonho cambiante  
O Ser, como espetáculo divino.

Mas o homem, na terra onde o destino  
O lançou, vive e agita-se incessante:  
Enche o ar da terra o seu pulmão possante...  
Cá da terra blasfema ou ergue um hino...

A ideia encarna em peitos que palpitam:  
O seu pulsar são chamas que crepitam,  
Paixões ardentes como vivos sóis!

Combatei pois na terra árida e bruta,  
Té que a revolve o remoinhar da luta,  
Té que a fecunde o sangue dos heróis!

# Justitia Mater

Nas florestas solenes há o culto  
Da eterna, íntima força primitiva:  
Na serra, o grito audaz da alma cativa,  
Do coração, em seu combate inulto:

No espaço constelado passa o vulto  
Do inominado Alguém, que os sóis aviva:  
No mar ouve-se a voz grave e aflitiva  
D'um deus que luta, poderoso e inculto.

Mas nas negras cidades, onde solta  
Se ergue, de sangue medida, a revolta,  
Como incêndio que um vento bravo atija,

Há mais alta missão, mais alta glória:  
O combater, à grande luz da história,  
Os combates eternos da Justiça!

# Palavras d'um certo Morto

Há mil anos, e mais, que aqui estou morto,  
Posto sobre um rochedo, à chuva e ao vento:  
Não há como eu espectro macilento,  
Nem mais disforme que eu nenhum aborto...

Só o espírito vive: vela absorto  
N'um fixo, inexorável pensamento:  
«Morto, enterrado em vida!» o meu tormento  
É isto só... do resto não me importo...

Que vivi sei-o eu bem... mas foi um dia,  
Um dia só — no outro, a Idolatria  
Deu-me um altar e um culto... ai! adoraram-me.

Como se eu fosse alguém! como se a Vida  
Pudesse ser alguém! — logo em seguida  
Disseram que era um Deus... e amortalharam-me!

# A UM POETA

*Surge et ambula!*

Tu, que dormes, espírito sereno,  
Posto à sombra dos cedros seculares,  
Como um levita à sombra dos altares,  
Longe da luta e do fragor terreno,

Acorda! é tempo! O sol, já alto e pleno,  
Afugentou as larvas tumulares...  
Para surgir do seio d'esses mares,  
Um mundo novo espera só um aceno...

Escuta! é a grande voz das multidões!  
São teus irmãos, que se erguem! são canções...  
Mas de guerra... e são vozes de rebate!

Ergue-te pois, soldado do Futuro,  
E dos raios de luz sonho puro,  
Sonhador, faze espada de combate!

# Hino à Razão

Razão, irmã do Amor e da Justiça,  
Mais uma vez escuta a minha prece.  
É a voz d'um coração que te apetece,  
D'uma alma livre, só a ti submissa.

Por ti é que a poeira movediça  
De astros e sóis e mundos permanece;  
E é por ti que a virtude prevalece,  
E a flor do heroísmo medra e viça.

Por ti, na arena trágica, as nações  
Buscam a liberdade, entre clarões:  
E os que olham o futuro e cismam, mudos,

Por ti, podem sofrer e não se abatem,  
Mãe de filhos robustos, que combatem  
Tendo o teu nome escrito em seus escudos!

1874-1880

# HOMO

Nenhum de vós ao certo me conhece,  
Astros do espaço, ramos do arvoredos,  
Nenhum adivinhou o meu segredo,  
Nenhum interpretou a minha prece...

Ninguém sabe quem sou... e mais, parece  
Que há dez mil anos já, neste degredo,  
Me vê passar o mar, vê-me o rochedo  
E me contempla a aurora que alvorece...

Sou um parto da Terra monstruoso;  
Do húmus primitivo e tenebroso  
Geração casual, sem pai nem mãe...

Misto infeliz de trevas e de brilho,  
Sou talvez Satanás; — talvez um filho  
Bastardo de Jeová; — talvez ninguém!

# Disputa em família

*Dixit insipiens in corde suo: non est Deus.*

## I

Sai das nuvens, levanta a fronte e escuta  
O que dizem teus filhos rebelados,  
Velho Jeová de longa barba hirsuta,  
Solitário em teus Céus acastelados:

«— Cessou o império enfim da força brutal!  
Não sofreremos mais, emancipados,  
O tirano, de mão tenaz e astuta,  
Que mil anos nos trouxe arrebanhados!

Enquanto tu dormias impassível,  
Topámos no caminho a liberdade  
Que nos sorriu com gesto indefinível...

Já provámos os frutos da verdade...  
Ó Deus grande, ó Deus forte, ó Deus terrível.  
Não passas d'uma vã banalidade! —»

## II

Mas o velho tirano solitário,  
De coração austero e endurecido,  
Que um dia, de enjoado ou distraído,  
Deixou matar seu filho no Calvário,

Sorriu com rir estranho, ouvindo o vário  
Tumultuoso coro e alarido  
Do povo insipiente, que, atrevido,  
Erguia a voz em grita ao seu sacrário:

«— Vanitas vanitatum! (disse). É certo  
Que o homem vão medita mil mudanças,  
Sem achar mais do que erro e desacerto.

Muito antes de nascerem vossos pais  
D'um barro vil, ridículas crianças,  
Sabia em tudo isso... e muito mais! —»

# Mors liberatrix

*(A Bulhão Pato)*

Na tua mão, sombrio cavaleiro,  
Cavaleiro vestido de armas pretas,  
Brilha uma espada feita de cometas,  
Que rasga a escuridão como um luzeiro.  
Caminhas no teu curso aventureiro,  
Todo envolto na noite que projetas...  
Só o gládio de luz com fulvas betas  
Emerge do sinistro nevoeiro.  
— «Se esta espada que empunho é coruscante,  
(Responde o negro cavaleiro-andante)  
É porque esta é a espada da Verdade.

Firo, mas salvo... Prostro e desbarato,  
Mas consolo... Subverto, mas resgato...  
E, sendo a Morte, sou a Liberdade.»

# O Inconsciente

O Espectro familiar que anda comigo,  
Sem que pudesse ainda ver-lhe o rosto,  
Que umas vezes encaro com desgosto  
E outras muitas ansioso espreito e sigo.

É um espectro mudo, grave, antigo,  
Que parece a conversas maldisposto...  
Ante esse vulto, ascético e composto  
Mil vezes abro a boca... e nada digo.

Só uma vez ousei interrogá-lo:  
Quem és (lhe perguntei com grande abalo)  
Fantasma a quem odeio e a quem amo?

Teus irmãos (respondeu) os vãos humanos,  
Chamam-me Deus, há mais de dez mil anos...  
Mas eu por mim não sei como me chamo...

# MORS-AMOR

*(A Luiz de Magalhães)*

Esse negro corcel, cujas passadas  
Escuto em sonhos, quando a sombra desce,  
E, passando a galope, me aparece  
Da noite nas fantásticas estradas.

D'onde vem ele? Que regiões sagradas  
E terríveis cruzou, que assim parece  
Tenebroso e sublime, e lhe estremece  
Não sei que horror nas crinas agitadas?

Um cavaleiro de expressão potente,  
Formidável, mas plácido, no porte,  
Vestido de armadura reluzente,

Cavalga a fera estranha sem temor.  
E o corcel negro diz: «Eu sou a Morte!»  
Responde o cavaleiro: «Eu sou o Amor!»

# ESTOICISMO

*(A Manoel Duarte de Almeida)*

Tu que não crês, nem amas, nem esperas,  
Espírito de eterna negação,  
Teu hálito gelou-me o coração  
E destroçou-me da alma as primaveras...

Atravessando regiões austeras,  
Cheias de noite e cava escuridão,  
Como n'um sonho mau, só oiço um não,

Que eternamente ecoa entre as esferas...  
— Porque suspiras, porque te lamentas,  
Cobarde coração? Debalde intentas  
Opor à Sorte a queixa do egoísmo...

Deixa aos tímidos, deixa aos sonhadores  
A esperança vã, seus vãos fulgores...  
Sabe tu encarar sereno o abismo!

# ANIMA MEA

Estava a Morte ali, em pé, diante,  
Sim, diante de mim, como serpente  
Que dormisse na estrada e de repente  
Se erguesse sob os pés do caminhante.

Era de ver a fúnebre bacante!  
Que torvo olhar! que gesto de demente!  
E eu disse-lhe: «Que buscas, impudente,  
Loba faminta, pelo mundo errante?»

— Não temas, respondeu (e uma ironia  
Sinistramente estranha, atroz e calma,  
Lhe torceu cruelmente a boca fria).

Eu não busco o teu corpo... Era um troféu  
Glorioso de mais... Busco a tua alma —  
Respondi-lhe: «A minha alma já morreu!»

# Divina comédia

*(Ao Dr. José Falcão)*

Erguendo os braços para o céu distante  
E apostrofando os deuses invisíveis,  
Os homens clamam: — «Deuses impassíveis,  
A quem serve o destino triunfante,

Porque é que nos criastes?! Incessante  
Corre o tempo e só gera, inextinguíveis,  
Dor, pecado, ilusão, lutas horríveis,  
N'um turbilhão cruel e delirante...

Pois não era melhor na paz clemente  
Do nada e do que ainda não existe,  
Ter ficado a dormir eternamente?

Porque é que para a dor nos evocastes?»  
Mas os deuses, com voz inda mais triste,  
Dizem: — «Homens! porque é que nos criastes?»

# Espiritualismo

## I

Como um vento de morte e de ruina,  
A Duvida soprou sobre o Universo.  
Fez-se noite de súbito, imerso  
O mundo em densa e álgida neblina.

Nem astro já reluz, nem ave trina,  
Nem flor sorri no seu aéreo berço.  
Um veneno sutil, vago, disperso,  
Empeçonhou a criação divina.

E, no meio da noite monstruosa,  
Do silêncio glacial, que paira e estende  
O seu sudário, d'onde a morte pende,

Só uma flor humilde, misteriosa,  
Como um vago protesto da existência,  
Desabrocha no fundo da Consciência.

## II

Dorme entre os gelos, flor imaculada!  
Luta, pedindo um último clarão  
Aos sóis que ruem pela imensidão,  
Arrastando uma auréola apagada...

Em vão! Do abismo a boca escancarada  
Chama por ti na gélida amplidão...  
Sobe do poço eterno, em turbilhão,  
A treva primitiva conglobada...

Tu morrerás também. Um ai supremo,  
Na noite universal que envolve o mundo,  
Há de ecoar, e teu perfume extremo

No vácuo eterno se esvairá disperso,  
Como o alento final d'um moribundo,  
Como o último suspiro do Universo.

# O CONVERTIDO

*(A Gonçalves Crespo)*

Entre os filhos d'um século maldito  
Tomei também o lugar na ímpia mesa,  
Onde, sob o folgar, geme a tristeza  
D'uma ânsia impotente de infinito.

Como os outros, cuspi no altar avito  
Um rir feito de fel e de impureza...  
Mas, um dia, abalou-se-me a firmeza,  
Deu-me rebate o coração contrito!

Erma, cheia de tédio e de quebranto,  
Rompendo os diques ao represo pranto,  
Virou-se para Deus minha alma triste!

Amortalhei na fé o pensamento,  
E achei a paz na inércia e esquecimento...  
Só me falta saber se Deus existe!

# ESPECTROS

Espectros que velais, enquanto a custo  
Adormeço um momento, e que inclinados  
Sobre os meus somos curtos e cansados  
Me encheis as noites de agonia e susto!...

De que me vale a mim ser puro e justo,  
E entre combates sempre renovados  
Disputar dia a dia à mão dos Fados  
Uma parcela do saber augusto,

Se a minh'alma há de ver, sobre si fitos,  
Sempre esses olhos trágicos, malditos!  
Se até dormindo, com angústia imensa,

Bem os sinto verter sobre o meu leito,  
Uma a uma verter sobre o meu peito  
As lágrimas geladas da descrença!

# À Virgem Santíssima

Cheia de Graça, Mãe de Misericórdia  
N'um sonho todo feito de incerteza,  
De noturna e indizível ansiedade,  
É que eu vi teu olhar de piedade

E (mais que piedade) de tristeza...  
Não era o vulgar brilho da beleza,  
Nem o ardor banal da mocidade...  
Era outra luz, era outra suavidade,

Que até nem sei se as há na natureza...  
Um místico sofrer... uma ventura  
Feita só do perdão, só da ternura  
E da paz da nossa hora derradeira...

Ó visão, visão triste e piedosa!  
Fita-me assim calada, assim chorosa...  
E deixa-me sonhar a vida inteira!

# NOX

*(A Fernando Leal)*

Noite, vão para ti meus pensamentos,  
Quando olho e vejo, à luz cruel do dia,  
Tanto estéril lutar, tanta agonia,  
E inúteis tantos ásperos tormentos...

Tu, ao menos, abafas os lamentos,  
Que se exalam da trágica enxovia...  
O eterno Mal, que ruga e desvaria,  
Em ti descansa e esquece, alguns momentos...

Oh! antes tu também adormecesses  
Por uma vez, e eterna, inalterável,  
Caindo sobre o mundo, te esquecesses,

E ele, o mundo, sem mais lutar nem ver,  
Dormisse no teu seio inviolável,  
Noite sem termo, noite do Não-ser!

# EM VIAGEM

Pelo caminho estreito, aonde a custo  
Se encontra uma só flor, ou ave, ou fonte,  
Mas só bruta aridez de áspero monte  
E os sóis e a febre do areal adusto,

Pelo caminho estreito entrei sem susto  
E sem susto encarei, vendo-os defronte,  
Fantasmas que surgiam do horizonte  
A acometer meu coração robusto...

Quem sois vós, peregrinos singulares?  
Dor, Tédio, Desenganos e Pesares...  
Atrás d'eles a Morte espreita ainda...

Conheço-vos. Meus guias derradeiros  
Sereis vós. Silenciosos companheiros,  
Bem-vindos, pois, e tu, Morte, bem-vinda!

# Quia aeternus

*(A Joaquim de Araújo)*

Não morreste, por mais que o brade à gente  
Uma orgulhosa e vã filosofia...  
Não se sacode assim tão facilmente  
O jugo da divina tirania!

Clamam em vão, e esse triunfo ingente  
Com que a Razão — coitada! — se inebria,  
É nova forma, apenas, mais pungente,  
Da tua eterna, trágica ironia.

Não, não morreste, espectro! o Pensamento  
Como d'antes te encara, e és o tormento  
De quantos sobre os livros desfalecem.

E os que folgam na orgia ímpia e devassa  
Ai! quantas vezes ao erguer a taça,  
Param, e estremecendo, empalidecem!

# No turbilhão

*(A Jaime Batalha Reis)*

No meu sonho desfilam as visões,  
Espectros dos meus próprios pensamentos,  
Como um bando levado pelos ventos,  
Arrebatado em vastos turbilhões...

N'uma espiral, de estranhas contorções,  
E d'onde saem gritos e lamentos,  
Vejo-os passar, em grupos nevoentos,  
Distingo-lhes, a espaços, as feições...

— Fantasmas de mim mesmo e da minha alma,  
Que me fitais com formidável calma,  
Levados na onda turva do escarcéu,

Quem sois vós, meus irmãos e meus algozes?  
Quem sois, visões misérrimas e atrozes?  
Ai de mim! ai de mim! e quem sou eu?!...

# IGNOTUS

*(A Salomão Sáragga)*

Onde te escondes? Eis que em vão clamamos,  
Suspirando e erguendo as mãos em vão!  
Já a voz enrouquece e o coração  
Está cansado — e já desesperamos...

Por céu, por mar e terras procuramos  
O Espírito que enche a solidão,  
E só a própria voz na imensidão  
Fatigada nos volve... e não te achamos!

Céus e terra, clamai, aonde? aonde? —  
Mas o Espírito antigo só responde,  
Em tom de grande tédio e de pesar:

— Não vos queixeis, ó filhos da ansiedade,  
Que eu mesmo, desde toda a eternidade,  
Também me busco a mim... sem me encontrar!

# NO CIRCO

*(A João de Deus)*

Muito longe d'aqui, nem eu sei quando,  
Nem onde era esse mundo, em que eu vivia...  
Mas tão longe... que até dizer podia  
Que enquanto lá andei, andei sonhando...

Porque era tudo ali aéreo e brando,  
E lúcida a existência amanhecia...  
E eu... leve como a luz... até que um dia  
Um vento me tomou, e vim rolando...

Caí e achei-me, de repente, envolto  
Em luta bestial, na arena fera,  
Onde um bruto furor bramia solto.

Senti um monstro em mim nascer n'essa hora,  
E achei-me de improviso feito fera...  
— É assim que rujo entre leões agora!

# NIRVANA

*(A Guerra Junqueiro)*

Para além do Universo luminoso,  
Cheio de formas, de rumor, de lida,  
De forças, de desejos e de vida,  
Abre-se como um vácuo tenebroso.

A onda d'esse mar tumultuoso  
Vem ali expirar, esmaecida...  
N'uma imobilidade indefinida  
Termina ali o ser, inerte, ocioso...

E quando o pensamento, assim absorto,  
Emerge a custo d'esse mundo morto  
E torna a olhar as cousas naturais,

À bela luz da vida, ampla, infinita,  
Só vê com tédio, em tudo quanto fita,  
A ilusão e o vazio universais.

# CONSULTA

*(A Alberto Sampaio)*

Chamei em volta do meu frio leito  
As memórias melhores de outra idade,  
Formas vagas, que às noites, com piedade,  
Se inclinam, a espreitar, sobre o meu peito...

E disse-lhes: — No mundo imenso e estreito  
Valia a pena, acaso, em ansiedade  
Ter nascido? dissei-mo com verdade,  
Pobres memórias que eu ao seio estreito...

Mas elas perturbaram-se — coitadas!  
E empalideceram, contristadas,  
Ainda a mais feliz, a mais serena...

E cada uma d'elas, lentamente,  
Com um sorriso mórbido, pungente,  
Me respondeu: — Não, não valia a pena!

# VISÃO

*(A J. M. Eça de Queiroz)*

Eu vi o Amor — mas nos seus olhos baços  
Nada sorria já: só fixo e lento  
Morava agora ali um pensamento  
De dor sem trégua e de íntimos cansaços.

Pairava, como espectro, nos espaços,  
Todo envolto n'um nimbo pardacento...  
Na atitude convulsa do tormento,  
Torcia e retorcia os magros braços...

E arrancava das aras destroçadas  
A uma e uma as penas maculadas,  
Soltando a espaços um soluço fundo,

Soluço de ódio e raiva impenitentes...  
E do fantasma as lágrimas ardentes  
Caíam lentamente sobre o mundo!

1880-1884

# Transcendentalismo

*(A J. P. Oliveira Martins)*

Já sossega, depois de tanta luta,  
Já me descansa em paz o coração.  
Caí na conta, enfim, de quanto é vão  
O bem que ao Mundo e à Sorte se disputa.

Penetrando, com fronte não enxuta,  
No sacrário do templo da Ilusão,  
Só encontrei, com dor e confusão,  
Trevas e pó, uma matéria bruta...

Não é no vasto mundo — por imenso  
Que ele pareça à nossa mocidade —  
Que a alma sacia o seu desejo intenso...

Na esfera do invisível, do intangível,  
Sobre desertos, vácuo, soledade,  
Voa e paira o espírito impassível!

# EVOLUÇÃO

(A Santos Valente)

Fui rocha, em tempo, e fui, no mundo antigo,  
Tronco ou ramo na incógnita floresta...  
Onda, espumei, quebrando-me na aresta  
Do granito, antiquíssimo inimigo...

Rugi, fera talvez, buscando abrigo  
Na caverna que ensombra urze e giesta;  
Ou, monstro primitivo, ergui a testa  
No limoso paul, glauco pascigo...

Hoje sou homem — e na sombra enorme  
Vejo, a meus pés, a escada multiforme,  
Que desce, em espirais, na imensidade...

Interrogo o infinito e às vezes choro...  
Mas, estendendo as mãos no vácuo, adoro  
E aspiro unicamente à liberdade.

# Elogio da Morte

*Morrer é ser iniciado.*  
Antologia Grega.

## I

Altas horas da noite, o Inconsciente  
Sacode-me com força, e acordo em susto.  
Como se o esmagassem de repente,  
Assim me para o coração robusto.

Não que de larvas me povoe a mente  
Esse vácuo noturno, mudo e augusto,  
Ou forceje a razão por que afugente  
Algum remorso, com que encara a custo...

Nem fantasmas noturnos visionários,  
Nem desfilar de espectros mortuários,  
Nem dentro de mim terror de Deus ou Sorte...

Nada! o fundo dum poço, húmido e morno,  
Um muro de silêncio e treva em torno,  
E ao longe os passos sepulcrais da Morte.

## II

Na floresta dos sonhos, dia a dia,  
Se interna meu dorido pensamento.  
Nas regiões do vago esquecimento  
Me conduz, passo a passo, a fantasia.

Atravesso, no escuro, a névoa fria  
D'um mundo estranho, que povoa o vento,  
E meu queixoso e incerto sentimento  
Só das visões da noite se confia.

Que místicos desejos me enlouquecem?  
Do Nirvana os abismos aparecem,  
A meus olhos, na muda imensidade!

N'esta viagem pelo ermo espaço,  
Só busco o teu encontro e o teu abraço,  
Morte! irmã do Amor e da Verdade!

### III

Eu não sei quem tu és — mas não procuro  
(Tal é minha confiança) devassá-lo.  
Basta sentir-te ao pé de mim, no escuro,  
Entre as formas da noite, com quem falo.

Através do silêncio frio e obscuro  
Teus passos vou seguindo, e, sem abalo,  
No cairel dos abismos do Futuro  
Me inclino à tua voz, para sondá-lo.

Por ti me engolfo no noturno mundo  
Das visões da região inominada,  
A ver se fixo o teu olhar profundo...

Fixá-lo, compreendê-lo, basta uma hora,  
Funérea Beatriz de mão gelada...  
Mas única Beatriz consoladora!

## IV

Longo tempo ignorei (mas que cegueira  
Me trazia este espírito enublado!)  
Quem fosses tu, que andavas a meu lado,  
Noite e dia, impassível companheira...

Muitas vezes, é certo, na canseira,  
No tédio extremo d'um viver magoado,  
Para ti levantei o olhar turbado,  
Invocando-te, amiga derradeira...

Mas não te amava então nem conhecia:  
Meu pensamento inerte nada lia  
Sobre essa muda fronte, austera e calma.

Luz íntima, afinal, alumiou-me...  
Filha do mesmo pai, já sei teu nome,  
Morte, irmã coeterna da minha alma!

## V

Que nome te darei, austera imagem,  
Que avisto já n'um ângulo da estrada,  
Quando me desmaiava a alma prostrada  
Do cansaço e do tédio da viagem?

Em teus olhos vê a turba uma voragem,  
Cobre o rosto e recua apavorada...  
Mas eu confio em ti, sombra velada,  
E cuido perceber tua linguagem...

Mais claros vejo, a cada passo, escritos,  
Filha da noite, os lemas do Ideal,  
Nos teus olhos profundos sempre fitos...

Dormirei no teu seio inalterável,  
Na comunhão da paz universal,  
Morte libertadora e inviolável!

## VI

Só quem teme o Não-ser é que se assusta  
Com teu vasto silêncio mortuário,  
Noite sem fim, espaço solitário,  
Noite da Morte, tenebrosa e augusta...

Eu não: minh'alma humilde mas robusta  
Entra crente em teu átrio funerário:  
Para os mais és um vácuo cinerário,  
A mim sorri-me a tua face adusta.

A mim seduz-me a paz santa e inefável  
E o silêncio sem par do Inalterável,  
Que envolve o eterno amor no eterno luto.

Talvez seja pecado procurar-te,  
Mas não sonhar contigo e adorar-te,  
Não-ser, que és o Ser único absoluto.

# Contemplação

*(A Francisco Machado de Faria e Maia)*

Sonho de olhos abertos, caminhando  
Não entre as formas já e as aparências,  
Mas vendo a face imóvel das essências,  
Entre ideias e espíritos pairando...

Que é o mundo ante mim? fumo ondeando,  
Visões sem ser, fragmentos de existências...  
Uma névoa de enganos e impotências  
Sobre vácuo insondável rastejando...

E d'entre a névoa e a sombra universais  
Só me chega um murmúrio, feito de ais...  
É a queixa, o profundíssimo gemido

Das cousas, que procuram cegamente  
Na sua noite e dolorosamente  
Outra luz, outro fim só pressentido...

# Lacrimae rerum

*(A Tommaso Cannizzaro)*

Noite, irmã da Razão e irmã da Morte,  
Quantas vezes tenho eu interrogado  
Teu verbo, teu oráculo sagrado,  
Confidente e intérprete da Sorte!

Aonde vão teus sóis, como coorte  
De almas inquietas, que conduz o Fado?  
E o homem porque vaga desolado  
E em vão busca a certeza que o conforto?

Mas, na pompa de imenso funeral,  
Muda, a noite, sinistra e triunfal,  
Passa volvendo as horas vagarosas...

É tudo, em torno de mim, duvida e luto:  
E, perdido n'um sonho imenso, escuto  
O suspiro das cousas tenebrosas...

# REDEMPCÃO

(À Ex.ma Sra. D. Celeste C. B. R.)

## I

Vozes do mar, das árvores, do vento!  
Quando às vezes, n'um sonho doloroso,  
Me embala o vosso canto poderoso,  
Eu julgo igual ao meu vosso tormento...

Verbo crepuscular e íntimo alento  
Das cousas mudas; psalmo misterioso;  
Não serás tu, queixume vaporoso,  
O suspiro do mundo e o seu lamento?

Um espírito habita a imensidade:  
Uma ânsia cruel de liberdade  
Agita e abala as formas fugitivas.

E eu compreendo a vossa língua estranha,  
Vozes do mar, da selva, da montanha...  
Almas irmãs da minha, almas cativas!

## II

Não choreis, ventos, árvores e mares,  
Coro antigo de vozes rumorosas,  
Das vozes primitivas, dolorosas  
Como um pranto de larvas tumulares...

Da sombra das visões crepusculares  
Rompendo, um dia, surgireis radiosas  
D'esse sonho e essas ânsias afrontosas,  
Que exprimem vossas queixas singulares...

Almas no limbo ainda da existência,  
Acordareis um dia na Consciência,  
E pairando, já puro pensamento,

Vereis as Formas, filhas da Ilusão,  
Cair desfeitas, como um sonho vão...  
E acabará por fim vosso tormento.

# Voz interior

*(A João de Deus)*

Embebido n'um sonho doloroso,  
Que atravessam fantásticos clarões,  
Tropeçando n'um povo de visões,  
Se agita meu pensar tumultuoso...

Com um bramir de mar tempestuoso  
Que até aos céus arroja os seus cachões,  
Através d'uma luz de exalações,  
Rodeia-me o Universo monstruoso...

Um ai sem termo, um trágico gemido  
Ecoa sem cessar ao meu ouvido,  
Com horrível, monótono vaivém...

Só no meu coração, que sondo e meço,  
Não sei que voz, que eu mesmo desconheço,  
Em segredo protesta e afirma o Bem!

# LUTA

*Fluxo e refluxo eterno...*

João de Deus.

Dorme a noite encostada nas colinas.  
Como um sonho de paz e esquecimento  
Desponta a lua. Adormeceu o vento,  
Adormeceram vales e campinas...

Mas a mim, cheia de atrações divinas,  
Dá-me a noite rebate ao pensamento.  
Sinto em volta de mim, tropel nevoento,  
Os Destinos e as Almas peregrinas!

Insondável problema!... Apavorado  
Recua o pensamento!... E já prostrado  
E estúpido à força de fadiga,

Fito inconsciente as sombras visionárias,  
enquanto pelas praias solitárias  
Ecoa, ó mar, a tua voz antiga.

# LOGOS

*(Ao snr. D. Nicolau Salmeron)*

Tu, que eu não vejo, e estás ao pé de mim  
E, o que é mais, dentro de mim — que me rodeias  
Com um nimbo de afectos e de ideias,  
Que são o meu princípio, meio e fim...

Que estranho ser és tu (se és ser) que assim  
Me arrebatas contigo e me passeias  
Em regiões inominadas, cheias  
De encanto e de pavor... de não e sim...

És um reflexo apenas da minha alma,  
E em vez de te encarar com fronte calma,  
Sobressalto-me ao ver-te, e tremo e exoro-te...

Falo-te, calas... calo, e vens atento...  
És um pai, um irmão, e é um tormento  
Ter-te a meu lado... és um tirano, e adoro-te!

# Com os mortos

Os que amei, onde estão? idos, dispersos,  
Arrastados no giro dos tufões,  
Levados, como em sonho, entre visões,  
Na fuga, no ruir dos universos...

E eu mesmo, com os pés também imersos  
Na corrente e à mercê dos turbilhões,  
Só vejo espuma lívida, em cachões,

E entre ela, aqui e ali, vultos submersos...  
Mas se paro um momento, se consigo  
Fechar os olhos, sinto-os a meu lado  
De novo, esses que amei: vivem comigo.

Vejo-os, ouço-os e ouvem-me também,  
Juntos no antigo amor, no amor sagrado,  
Na comunhão ideal do eterno Bem.

# Oceano Nox

*(A A. de Azevedo Castelo Branco)*

Junto do mar, que erguia gravemente  
A trágica voz rouca, em quanto o vento  
Passava como o voo d'um pensamento  
Que busca e hesita, inquieto e intermitente,

Junto do mar sentei-me tristemente,  
Olhando o céu pesado e nevoento,  
E interoguei, cismando, esse lamento  
Que saía das cousas, vagamente...

Que inquieto desejo vos tortura,  
Seres elementares, força obscura?  
Em volta de que ideia gravitais? —

Mas na imensa extensão, onde se esconde  
O Inconsciente imortal, só me responde  
Um bramido, um queixume, e nada mais...

# Comunhão

*(Ao snr. João Lobo de Moura)*

Reprimirei meu pranto!... Considera  
Quantos, minh'alma, antes de nós vagaram,  
Quantos as mãos incertas levantaram  
Sob este mesmo céu de luz austera!...

— Luz morta! amarga a própria primavera! —  
Mas seus pacientes corações lutaram,  
Crentes só por instinto, e se apoiaram  
Na obscura e heroica fé, que os retempera...

E sou eu mais do que eles? igual fado  
Me prende à lei de ignotas multidões. —  
Seguirei meu caminho confiado,

Entre esses vultos mudos, mas amigos,  
Na humilde fé de obscuras gerações,  
Na comunhão dos nossos pais antigos.

# Solemnia Verba

Disse ao meu coração: Olha por quantos  
Caminhos vãos andámos! Considera  
Agora, d'esta altura fria e austera,  
Os ermos que regaram nossos prantos...

Pó e cinzas, onde houve flor e encantos!  
E noite, onde foi luz de primavera!  
Olha a teus pés o mundo e desespera  
Semeador de sombras e quebrantos! —

Porém o coração, feito valente  
Na escola da tortura repetida,  
E no uso do penar tornado crente,

Respondeu: D'esta altura vejo o Amor!  
Viver não foi em vão, se é isto a vida,  
Nem foi de mais o desengano e a dor.

# O que diz a Morte

Deixai-os vir a mim, os que lidaram;  
Deixai-os vir a mim, os que padecem;  
E os que cheios de mágoa e tédio encaram  
As próprias obras vãs, de que escarnecem...

Em mim, os Sofrimentos que não saram,  
Paixão, Dúvida e Mal, se desvanecem.  
As torrentes da Dor, que nunca param,  
Como n'um mar, em mim desaparecem. —

Assim a Morte diz. Verbo velado,  
Silencioso intérprete sagrado  
Das cousas invisíveis, muda e fria,

É, na sua mudez, mais retumbante  
Que o clamoroso mar; mais rutilante,  
Na sua noite, do que a luz do dia.

# Na mão de Deus

(À Ex.ma Sra. Victoria de O. M.)

Na mão de Deus, na sua mão direita,  
Descansou a final meu coração.  
Do palácio encantado da Ilusão  
Desci a passo e passo a escada estreita.

Como as flores mortais, com que se enfeita  
A ignorância infantil, despojo vão,  
Depus do Ideal e da Paixão  
A forma transitória e imperfeita.

Como criança, em lóbrega jornada,  
Que a mãe leva ao colo agasalhada  
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...  
Dorme o teu sono, coração liberto,  
Dorme na mão de Deus eternamente!